

# REL



**Revista Enforcadense de Literatura**



Nossa Senhora das Dores – Sergipe - Nº 03 – Setembro de 2020

ISSN: 2675-3030

# A LINGUAGEM DO ARTISTA

*“O enriquecimento que a arte pode nos trazer origina-se em seu poder de nos relembrar harmonias que ficam de fora do alcance da análise sistemática. Pode-se dizer que a arte literária, a arte pictórica e a arte musical compõem uma sequência de modos de expressão em que a renúncia cada vez mais ampla à definição, característica da comunicação humana, dá à fantasia uma liberdade maior de manifestação. Na literatura, em particular, esse propósito é alcançado pela justaposição de palavras relacionadas com situações observacionais mutáveis, com isso unindo emocionalmente múltiplos aspectos do conhecimento humano.”*

(NIELS BOHR)



De que maneira, então, podemos transparecer, através de uma linguagem escrita e documentada, nossa compreensão da realidade, senão através das artes? Neste sentido, pois, justifica-se a elaboração de registros como este a fim de espelhar aquilo que trazemos no nosso pensamento. A palavra serve, aliás, para imitar o que sentimos e tem o poder de revelar a outrem, a nossa interpretação da existência.

Usemos, portanto, a nossa manifestação artística com o intuito de exercer uma influência significativa na apreciação do mundo. Diante da necessidade de sermos agentes transformadores da sociedade, por meio da educação e inclusão social, ofertamos aos nossos semelhantes esta terceira edição da Revista Enforcadense de Literatura. Que possamos usufruir da arte da linguagem, por meio do deleite das palavras aqui apresentadas.

Boa leitura!



*Jailton dos Santos Filho.*

Conselho Editorial



**Enforcadense**  
*de Estudos Literários*

N. Sra. das Dores (SE)



Revista Enforcadense de Literatura

**Ano 1 – Edição 3**  
SETEMBRO de 2020

**Editor Responsável**  
JOÃO PAULO A. DE CARVALHO  
DRT: 1987/SE

\*Os artigos e anúncios que estão apresentados neste periódico são de inteira responsabilidade dos autores.

**Imagem da capa:**  
*“Abrindo as cancelas do conhecimento.”*  
Foto: João Paulo A. de Carvalho

**Imagem do texto editorial:**  
<https://novaescola.org.br>  
Foto: G. Crescoli/Unsplash

**Imagem da contracapa:**  
*“Além do Horizonte”, óleo sobre tela do artista plástico dorense Jânison de Andrade.*

**Contato:**  
<https://geelrel.wixsite.com/dores>

*Jailton dos Santos Filho*

## **QUANTUM: UMA REVOLUÇÃO NA FÍSICA**

5

Artigo Científico

*João Paulo Araújo de Carvalho*

## **SER ENFORCADENSE, DA TENTATIVA DE EXTERMÍNIO À NEGAÇÃO**

8

Artigo Científico

*Valtênio Paes de Oliveira*

## **JAIME DAS MENINAS: PROPAGADOR DA CULTURA NORDESTINA E DORENSENIDADE**

11

Biografia

*M. Cardoso*

## **NAS PEGADAS DO FOLCLORE**

13

Resenha

*Viviane dos Santos Cardoso*

## **A ATUALIDADE POLÍTICA NA OBRA O PRÍNCIPE**

15

Resenha

*Gilberto Luiz Araújo Santana*

## **A MORTE FORA DE HORA**

17

Resenha

19

*Luís Carlos de Jesus*  
**MEMÓRIAS DA PRAÇA DO COMÉRCIO  
EM MINHA ADOLESCÊNCIA**

Crônica

21

*Juviano Borges Garcia*  
**O PARAÍSO É AQUI**

Crônica

22

*Valtênio Santos Santana*  
**MINHA ROÇA É UMA RIQUEZA**

Crônica

23

*Jânio Vieira*  
**ERA CASA E ERA A LÁGRIMA**

Crônica

24

*José Aldo Souza Leite*  
**PRISÃO PERPÉTUA**

Conto

26

*João Victor Rodrigues Santos*  
**AQUELA ESTRADA TÃO GRANDE**

Conto

S  
C  
U  
M  
V  
Á  
R  
I  
O

REL



*Denio Santos Azevedo*

## UM SENTIMENTO CHAMADO SERGIPE

27

Poema

*Emilly Kauane Santos Pereira*

## NOSSA SENHORA DAS DORES

29

Poema

*Charlan Fialho*

## SONETO DE UMA ALMA

30

Poema

*Jaclene da Silva Oliveira Resende*

## CULTURA POPULAR DE NOSSA SENHORA DAS DORES (SE)

31

Poema





# Quantum: uma revolução na Física

Por Jailton dos Santos Filho\*

A fim de descrever os fenômenos naturais, os cientistas usam uma linguagem conceitual para explicar os resultados das suas observações. Um dos maiores desafios da Física foi descrever a natureza da luz. *“Do ponto de vista físico, a luz pode ser definida como uma transmissão de energia entre corpos materiais à distância”* (BOHR, 1932). Tal interação, quando em contato com nossos olhos, causa-nos a sensação de visão. Não obstante, não significa dizer que aquilo que somos incapazes de enxergar também não seja luz. O que vemos é uma parcela pequena do que a luz proporciona, isto é, nossa visão natural é capaz apenas de interpretar uma faixa limitada de informações que a luz contém<sup>1</sup>. Luz é informação.

Durante os anos compreendidos entre os séculos XVII e XVIII, a Física presenciou um debate sobre as características da luz, tendo dois notáveis físicos como protagonistas: o inglês Isaac Newton (1643-1727) e o holandês Christiann Huygens (1629-1695). Sir Isaac Newton, considerado por muitos como o maior cientista de todos os tempos, defendia uma descrição da luz como sendo constituída de partículas diminutas, sendo possível com essa ideia explicar os fenômenos de reflexão e refração com uma precisão considerável, características estas responsáveis por sermos capazes de identificar a forma de todos os objetos, isto é, da nossa visão. Tendo apresentado em 1704 sua teoria corpuscular para a luz na obra *Óptica*: ou um tratado das reflexões, refrações, inflexões e cores da luz. Huygens, por sua vez, já havia notado que a luz apresentava comportamento ondulatório, presente nos fenômenos de interferência e difração por ela caracterizados. Tendo tal inquietação o levado a apresentar sua descrição ondulatória, em 1678, à Academia Real de Ciências da França, no seu livro *Tratado sobre a luz*. O modelo de Huygens foi amplamente sustentado através dos experimentos de “dupla fenda” propostos pelo físico britânico Tomas Young (1773-1829), em 1801, os quais comprovaram que a luz se comportava, também, como uma onda. Pouco tempo depois, as equações da teoria eletromagnética, formuladas pelo seu compatriota, o físico James Clerk Maxwuel (1831-1879), um dos pilares da Física do século XIX, se tornaram um marco na consolidação da natureza ondulatória da luz.

Até as primeiras décadas dos anos 1900 as descrições corpuscular e ondulatória da luz eram tidas como manifestações válidas de um mesmo agente físico, a depender do fenômeno analisado. O físico dinamarquês Niels Henrik David Bohr (1885-1962) resumiu a situação em seu princípio de complementaridade. Segundo ele, se determinada medida prova o caráter ondulatório da radiação (luz) ou matéria, então é impossível provar o caráter corpuscular nessa mesma medida (EISBERG, 1979). A ligação entre os dois modelos (corpuscular e ondulatório) foi possível graças a interpretação probabilística da dualidade onda-partícula contida na proposta da existência das ondas de matéria apresentada por Louis-Victor-Pierre-Raymond (1892-1987), o duque de Broglie, em sua tese de doutoramento submetida à Faculdade de Ciência da Universidade de Paris, em 1924.

Os avanços na compreensão da natureza da luz, foram possíveis graças ao progresso no desenvolvimento dos estudos acerca da estrutura atômica, possibilitando, assim, a elaboração de técnicas que permitissem analisar os aspectos microscópicos da matéria. O entendimento necessário associado aos fenômenos da radiação, só foi possível graças a uma revolução liderada pela argumentação de um homem: o físico alemão Max Karl Ernest Ludwig Planck (1858-1947).

No início do século passado, acreditava-se que a Física estava consolidada, isto é, que todos os fenômenos naturais já estavam explicados, restando apenas dois: a radiação proveniente dos fornos (radiação de corpo negro) e a emissão dos elétrons em um metal proveniente da luz nele inserida (efeito fotoelétrico). *“Nos estudos dos fenômenos atômicos, foi-nos repetidamente ensinado que questões que se acreditavam terem recebido suas respostas finais há muito tempo haviam reservado para nós as mais inesperadas surpresas”* (BOHR, 1938). A sutileza necessária à explicação dos fenômenos da radiação proporcionou o surgimento de uma nova física: a Física Quântica. *“A revolução quântica foi uma revolução de fato, não só em como vemos o mundo, mas em como vivemos no mundo. Seus efeitos continuam sendo sentidos até hoje e continuarão a sê-lo por muito tempo”* (GLEISER, 2014).

Baseado nas ideias de Boltzmann<sup>2</sup>, as quais relacionavam as leis da termodinâmica com as regularidades estatísticas, no dia 14 de dezembro de 1900, Max Planck apresentou à Academia Alemã de Ciências o seu artigo “Sobre a Teoria da Lei de Distribuição de Energia do Espectro Normal”, no qual propunha a descrição do comportamento das interações entre os átomos através de um espectro discreto de energia. Em sua argumentação teórica, Planck propôs a existência de uma constante de proporcionalidade entre a energia detectada durante a radiação e a frequência associada a essa emissão. Para uma emissão discreta, ele propôs que a energia seria mensurada através do *quantum* de luz, isto é, de pacotes de energia (em latim, *quantum* significa “pacote”), sendo essa quantidade medida a partir da existência de uma constante universal, posteriormente chamada *constante de Planck*.

Matematicamente, temos  $E = nh\nu$ , sendo  $h$  a constante de proporcionalidade,  $n$  um número inteiro (*número quântico*) que está associado aos níveis de energia discretos (*estados quânticos*),  $\nu$  (lê-se “niu”) a frequência de oscilação do sistema analisado e  $E$  a energia discreta (*quantizada*). “Qualquer transferência de energia pela luz pode remontar a processos individuais, em cada um dos quais é trocado um chamado quantum de luz, cuja energia é igual ao produto da frequência das oscilações eletromagnéticas pelo quantum universal, ou constante de Planck” (BOHR, 1932). Vale ressaltar que a ideia primeira de Planck, era inserir a constante nas equações por ele estudadas e depois fazê-la tender a zero. No entanto, a genialidade da teoria consiste exatamente no fato de a constante possuir um valor definido e não nulo. Hoje em dia, o valor considerado para a constante é, aproximadamente,  $h \approx 6,626 \times 10^{-34} \text{ J/s}^{-1}$  - sendo as unidades de medida *Joule* (energia) por *segundo* (frequência), de acordo com o Sistema Internacional (SI).

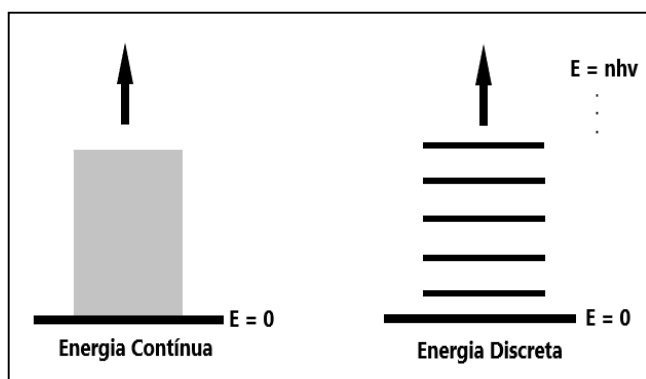


Figura 1. À esquerda, esboço da distribuição da energia de um sistema de forma contínua, como previsto pelo modelo da Física Clássica. À direita, temos o esquema de acordo com os níveis energéticos atribuídos aos estados quânticos permitidos para um sistema, com uma distribuição discreta de energia, de acordo com a Lei de Planck.

O tratamento dado por Planck, por meio da inserção da constante universal ( $h$ ) nos cálculos, possibilitou a explicação teórica para o fenômeno da radiação de corpo negro, resolvendo o problema chamado de *catástrofe ultravioleta*, sem solução em termos da Física Clássica, com base na Lei de Rayleigh-Jeans<sup>3</sup>. Desse modo, foi possível alcançar a tão esperada consistência entre a teoria e prática, pois o que se observava até então era uma enorme discrepância entre o comportamento observado e o que se previa analiticamente. Tendo sido o pesquisador alemão laureado com o Prêmio Nobel de Física em 1918 por essa exímia contribuição ao estudo da estrutura atômica.

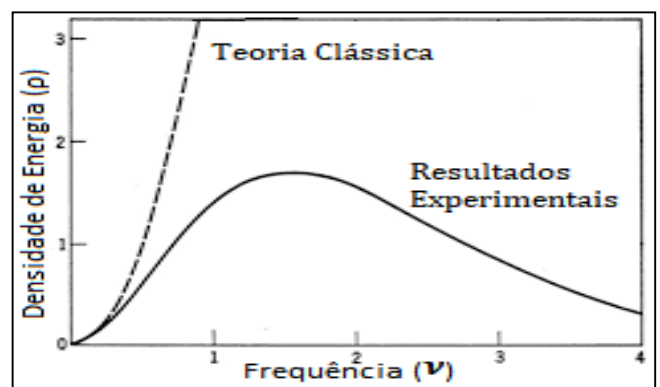


Figura 2. Ajustes teórico e experimental, sendo o modelo clássico em termos da Lei de Rayleigh-Jeans. O esboço gráfico das curvas foi feito com base numa distribuição em termos da densidade de energia ( $\rho$ ) em função da frequência de oscilação ( $\nu$ ). Nota-se uma enorme discrepância entre os resultados teóricos e os dados experimentais.

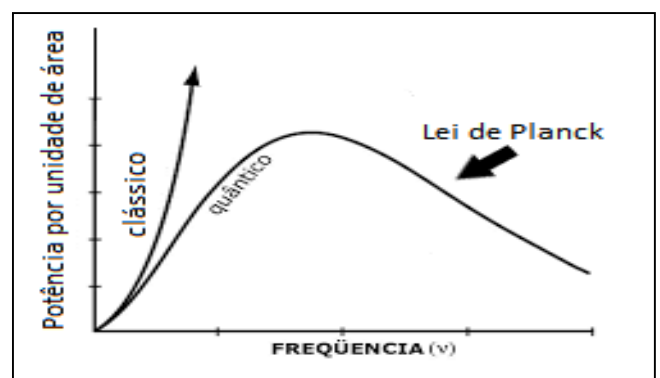


Figura 3. O ajuste satisfatório usando a lei de Planck, estando de acordo com a curva experimental mostrada na Figura 2, comprovando como o modelo clássico é incapaz de descrever os fenômenos quânticos. Vale ressaltar que a potência de um sistema é a medida de sua energia por intervalo de tempo, de modo que o gráfico representa uma distribuição de energia, medida discretamente, em termos da frequência do sistema, usando a teoria do *quantum*.

A sustentação da teoria dos *quanta* (*quanta* é plural de *quantum*) de Planck foi feita de forma brilhante por seu compatriota, o físico Albert Einstein (1879-1955), que unificou a teoria corpuscular e ondulatória para a luz, na explicação do efeito fotoelétrico. O fóton incide sobre um metal ejetando elétrons, devido a uma troca de energia entre a luz e o átomo, sendo a radiação luminosa constituída de pequenas partículas chamadas *fótons*. Cada fóton tem uma energia discreta que é proporcional ao produto da frequência pelo *quantum* de luz. Por existir um limiar energético necessário à transferência de *momentum*<sup>4</sup> entre o fóton e o átomo, o efeito é observado de forma mais precisa com luzes ultravioletas, por possuírem maiores frequências (maior energia) e menores comprimentos de onda. Por sua explicação ao efeito fotoelétrico, Einstein, o maior gênio do século XX, foi laureado com o Prêmio Nobel de Física em 1921.

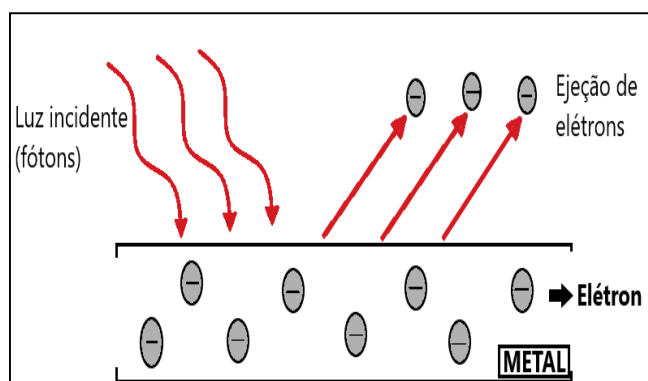


Figura 4. Efeito Fotoelétrico. Elétrons são ejetados de um metal após a incidência de luz. Cada fóton possui energia quantizada ( $E = h\nu$ ) que é transferida ao elétron através da conservação do momento linear. Após a colisão, o elétron adquire energia cinética necessária para ser removido do metal.

Os celulares, televisões, computadores e demais aparelhos eletrônicos modernos, por exemplo, devem suas criações à revolução proposta pelo *quantum* de Planck, o qual deu origem à Física Quântica, a qual nos permitiu uma poderosa visão do mundo atômico, crucial para uma nova compreensão do universo.

**1** - O espectro eletromagnético abrange toda a radiação existente, avaliada em comprimento de onda  $\lambda$  (ou frequência  $\nu$ ) que varia, em ordem crescente de energia, desde as ondas de rádio ( $\lambda = 10^3$  m) aos raios gama ( $\lambda = 10^{-12}$  m), sendo a percepção humana limitada apenas à faixa do visível, a qual compreende um intervalo ( $\Delta\lambda = 3 \times 10^{-7}$  m). (N.E.)

**2** - Ludwig Edward Boltzmann (1844-1906), físico austríaco pioneiro na aplicação da estatística aos estudos da termodinâmica e da teoria cinética dos gases. Baseando-se nas leis da mecânica, estabeleceu no seu famoso *Teorema H*, a tendência que um sistema constituído de um grande número de moléculas tem de assumir uma certa uniformidade na distribuição da energia, em completa subordinação ao equilíbrio térmico do sistema. Demonstrou, desse modo, que a segunda lei da termodinâmica é, essencialmente, uma lei estatística. (N.E.)

**3** - No início do século passado, os físicos britânicos John William Strutt (1842-1919), o Lorde Rayleigh, e James Hopwood Jeans (1877-1946) fizeram o cálculo da densidade de energia da radiação de corpo negro, evidenciando uma discrepância entre o modelo clássico e os resultados experimentais. Tal argumentação culminou na chamada *Lei de Rayleigh-Jeans*. (N.E.)

**4** - Momento linear  $p$  (em módulo), uma das grandezas conservativas da natureza. No caso apresentado, o fóton ( $p = h/\lambda$ ) transfere *momentum* ao elétron ( $p = mv$ ), em que  $h$  é a constante de Planck,  $\lambda$  é o comprimento de onda do fóton,  $m$  é a massa do elétron e  $v$  a velocidade adquirida pelo elétron após a colisão com o fóton. (N.E.)

#### REFERÊNCIAS

- BOHR, Niels. **Física atômica e conhecimento humano**: ensaios 1932-1957. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- EISBERG, Robert. RESNICK, Robert. **Física Quântica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1979.
- GLEISER, Marcelo. **A ilha do Conhecimento**: os limites da ciência e a busca por sentido. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- SAGAN, Carl. **Bilhões e bilhões**: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

**\*Jailton dos Santos Filho**  
Professor, Físico e Presidente do GEEL.  
jailtonfisicaufs@gmail.com



# Ser Enforcadense, da tentativa de extermínio à negação

Por João Paulo Araújo de Carvalho\*



"Cecy e Pery".  
Obra de Horácio Hora.

*"O passado, para a história, nunca está morto. Ele está contido no agora, que anuncia o que vem. Pensar de modo objetivo, no futuro, é, também, estudar, reflexiva e criticamente, esse passado nem sempre bem compreendido. Ignorá-lo ou desprezá-lo como um dos ingredientes de um processo histórico necessariamente global, totalizante, contraditório, é cair no modismo massificado e multinacional ou, em nome de um ativismo equívoco, resvalar no sectarismo infantil, dogmático, alienante". (FIGUEIREDO, 1981, p. 94-95)*

Estudar o passado é, também, olhar para o presente ao buscar compreendê-lo; tecer fios que nos conectam a outrem, transpondo muros e edificando pontes. É também desconstruir mitos, como o da pretensa "democracia racial" amparada na cordialidade entre as "três raças" (índios, brancos e negros, embora sejamos biologicamente uma só raça, a humana) que teria levado à mestiçagem e à inexistência de preconceito entre os brasileiros. Tal mitificação nos fecha os olhos, também, para o rico legado histórico-cultural que todos os povos, dentro de suas particularidades identitárias, deram ao processo de constituição da(s) brasilidade(s).

Felizmente, nas últimas décadas, essa realidade tem mudado graças a pesquisas que vêm descortinando capítulos até então escondidos e esquecidos da nossa história. Um bom exemplo disso nos é mostrado por André Luiz Silva (SILVA, 2019, p. 174-181) e materializado em duas peças de urna funerária indígena que hoje compõem o acervo do Museu Caipira, no povoado Cachoeirinha, a vinte e dois quilômetros da cidade de Nossa Senhora das Dores. Ela foi encontrada, junto com uma machadinha de pedra polida, num

buraco que apareceu na estrada, graças ao olhar atento do curador do museu, o pedagogo Valtênio Santana, em 2018; tendo sido exumada pelos arqueólogos André Luiz Esteves da Silva e Virgílio José Silveira Dantas, remontada e estudada pelo primeiro na sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em São Cristóvão (SE). Os resultados preliminares apontam para um objeto pertencente à tradição cultural Aratu, anterior à presença do colonizador português. Outrossim, a possibilidade desse achado compor um conjunto arqueológico maior pode levar, no futuro, a novos estudos que tendem a ampliar nosso conhecimento de partes da nossa história ainda desconhecidas, pois pouco pesquisada e documentada.



Achados arqueológicos em Cachoeirinha, pontes para um passado distante. Fotos: João Paulo Araújo de Carvalho, 2019.

Sobre a cultura Aratu, presente da Bahia ao Piauí e em parte do Sudeste e Centro-Oeste do Brasil entre os séculos IX e XVIII, trata-se de povos agricultores e ceramistas que edificaram aldeias, fugindo ao avanço dos canoeiros tupi pelos grandes rios, nos platôs de colinas próximas a riachos afluentes (como o Jacoca do achado em Cachoeirinha). Nesses locais, além de cultivarem mandioca, milho, feijão e amendoim, também praticavam a caça e a coleta. Sua cerâmica piriforme, produzida através do acordelamento, indica a prática de rituais de sepultamento secundário no interior das próprias aldeias, cujo formato era circular. (CARVALHO, 2003, p. 3-18)

Compreender a história **enforcadense** passa por essas novas pesquisas, mas também pela percepção, nas anteriores, das ausências, apropriações e legitimações, inclusive no uso de determinados termos como “guerra de conquista” para caracterizar a entrada do português em solo sergipano, nos últimos dias de 1589 e primeiros de 1590, lutando contra **incômodos** (esse termo de novo!) indígenas que impediam que se ligasse Bahia e Pernambuco por terra e ainda se relacionavam com o “invasor” francês. Tal leitura, ideologicamente construída, esconde o desejo do também “invasor” português de ter acesso à terra habitada por, no mínimo, 20 mil tupinambás, nas quais se planejava criar gado e cultivar cana-de-açúcar com o uso desses mesmos antigos habitantes na condição de escravos. Nos impede, igualmente, de perceber a resistência a esse processo que levou à morte dos insolventes, muitos dos quais por meio da força como forma de amedrontar os demais e fazê-los se submeter aos interesses econômicos do colonizador.

Sobre esse incômodo nome, o historiopotômino <sup>1</sup> “Enforcados”, como passou a ser chamado um pequeno pedaço de chão encravado entre os rios Sergipe e Japarutuba, próximo ao rio Siriri e onde está a atual cidade de Nossa Senhora das Dores, o sociólogo Ariosvaldo Figueiredo nos ajuda a começar uma releitura ao classificá-lo como *“mais que palavra, é símbolo. Mais que símbolo, é a história do índio, em Sergipe”* (FIGUEIRDO, 1981, p. 9). Na mesma linha de raciocínio, o professor Luís Carlos Silva Lisboa nos chama atenção para o fato de que o lugar é aquele *“que tão célebre nome deixou na História de Sergipe”* (SILVA LISBOA, 1897, p. 137).

Vamos aos fatos que justificam tais assertivas.

Na segunda metade do século XVI, as terras encravadas na capitania da Bahia e localizadas entre os rios Real e São Francisco, chamadas pelos portugueses de “sertões do rio Real”, foram alvo da tentativa de posse e exploração por parte dos europeus. Primeiramente os franceses, que apenas realizavam escambo com os indígenas nas barras dos rios, mas sem se fixar no território. A partir de 1575 com os lusitanos, que através de missionários jesuítas fundaram escola e igrejas com o intuito de catequisar seus habitantes, predominantemente Tupinambá, mais ao litoral, onde se concentrou a evangelização; mas também Boemé, Caeté, Cariri, Tupinauê, dentre outros, rumando para o interior (DANTAS, 1983-1987; FIGUEIREDO, 1981).

Como fracassou essa primitiva experiência de catequese, muito pela presença de soldados junto aos missionários e das violências por eles perpetradas contra os nativos, a cruz foi substituída pela espada e, no mesmo ano, o governador Luís de Brito empreendeu guerra aos indígenas, queimando e saqueando aldeias, matando e escravizando milhares de naturais. Fomentou a inimizade entre os reinóis e os nativos e não conseguiu colonizar o território. Passados quinze anos, nova empreitada bélica, dessa vez capitaneada por Cristóvão de Barros, voltou-se contra os hostis habitantes de *“ciipe”*, como era chamado o principal rio daquele território na língua Tupi (“no rio dos siris”), nome depois aportuguesado seguidas vezes até produzir Sergipe, atual denominação do estado brasileiro compreendido entre os rios Real e São Francisco. Sobre o pretexto de expulsar os franceses e ligar os polos de colonização do Brasil por terra, Bahia e Pernambuco, a “guerra de conquista” (1589-1590), resultou na fundação da capitania de Sergipe d’el rey, da cidade de Sergipe (São Cristóvão) e no início da repartição de suas terras entre aqueles que pudessem nela habitar e ela explorar, por meio das chamadas cartas de sesmarias. Os bons pastos naturais existentes nos “sertões do rio Real” eram o alvo principal dos criadores de gado dos dois polos da Colônia, especialmente por conta da expansão canavieira no recôncavo baiano.

Cada vez mais diminutos, seja pelas mortes causadas por doenças e pelas armas dos colonizadores seja pela fuga cada vez mais constante para o sertão, bem como pela miscigenação, a presença indígena em Sergipe vai sendo dia a dia minorada. Nesse processo de *genocídio* e *etnocídio* contribuíram não somente os aldeamentos, que também foram desaparecendo à medida em que eram convertidos em vilas, mas o fato de as terras indígenas serem consideradas devolutas e transferidas para o estado negociar ao bel prazer dos governantes. Também se promoveu a criminalização do nativo como justificativa a processos de exploração. “Vadios”, “imorigerados”, “errantes”, “indolentes”, “vivem da caça e da pilhagem dos gados”, são exemplos de termos desqualificadores usados contra os mesmos em documentos do século XIX, período no qual foi se aprofundando a negação da existência de nativos em Sergipe (MOTT, 1986, p. 13-45; 89-98). A ideia de civilização e barbárie, tão comum nos séculos XIX e XX, acabou se impondo e completou a necessidade de incorporação do indígena ao progresso e à vida “civilizada”, mesmo diante da adoção, pelos antigos habitantes das terras sergipanas, “de diferentes formas de relacionamento que vão da fuga ao ataque, da negociação ao conflito, da acomodação à rebeldia, da submissão ao uso da força” (DANTAS, 1991, p. 55).

Os indígenas que não pereceram pelas armas de Cristóvão de Barros e seu exército, ou se embrenharam nos sertões ou foram escravizados. Suas terras foram repartidas, mesmo havendo legislação em contrário, dando lugar a currais de gado e canaviais. Com o passar das décadas e o avanço da pecuária e da cana-de-açúcar nos vales férteis entre os muitos rios e riachos do litoral e agreste sergipanos, os nativos foram sendo aldeados em missões coordenadas por padres jesuítas, capuchinhos, beneditinos e carmelitas, onde lhes eram impostos costumes, crenças e valores alheios a sua cultura.

A antropóloga Beatriz Góis Dantas nos traz interessante análise de como, ao longo da segunda metade do século XIX e após anterior processo de desqualificação e negação da existência do “índio vivo e real” (já muito “mesclado”), se constrói uma imagem do indígena tendo como base a “idealização do índio morto” (“puro”, heroico e defensor da liberdade) através de uma visão romântica que permeia a historiografia, os estudos toponímicos, a literatura, as artes, os folguedos e a educação formal, num “mito fundante da sergipanidade” que associa “o espaço delimitado pelos rios e o poder assumido por caciques homônimos”. Tal representação tem como culminância a criação do selo do estado, um símbolo oficial desse ente da federação republicana, composto em 1892 pelo professor Brício Cardoso, que “*considerou o índio como sendo Serigy ou Sergipe* [que segura uma lança como o imperador Dom Pedro II segurava seu cetro], *abraçando a civilização, simbolizada pelo aeróstato, invenção do brasileiro Bartolomeu de Gusmão*”, tomando para si o heroico cacique como perfil ideal de uma liberdade sujeita à lei e instrumento da ordem, do progresso e da civilização. (DANTAS, 2000-2002, p. 21-45)



No brasão do estado de Sergipe, a figura o cacique Serigy aparece integrada ao progresso, justificando a ideologia civilizatória do indígena. Imagem: googleimagens.

Apesar da violência das armas, da expropriação de suas terras, das doenças, dos preconceitos, da desconstrução de sua história e de tantas outras formas de agressão, ainda é possível perceber, nesse século XXI, a presença indígena em Sergipe. Não somente por meio dos cerca de 300 índios Xocó que habitam a ilha de São Pedro em Porto da Folha, numa trincheira secular de resistência, mas no rosto e na pele de muitos sergipanos de todas as regiões bem como em práticas culturais como o banho diário, o uso da cerâmica, o descansar de cócoras, a coivara como método agrícola, a farinha de mandioca, o cultivo de milho, as armadilhas de caça e pesca feitas de palha e cipó, a deliciosa rede de dormir, o hábito de moquear a carne, um sem número de palavras incorporadas à língua portuguesa (dentre as quais nomes de lugares) e que provêm da “*língua de doçura e graça*” dos nossos ancestrais indígenas que está longe de ser uma “língua morta”.

1 - Denominação que provém de um fato histórico. (N.E.)

#### REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Fernando Lins de. **A pré-história sergipana**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2003.
- DANTAS, Beatriz Góis. “A tupimania na historiografia sergipana”. IN: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n. 29, p. 39-47, 1983-1987.
- \_\_\_\_\_. “Os índios em Sergipe”. IN: **Textos para a História de Sergipe**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/Banco do Estado de Sergipe, 1991. p. 19-60.
- \_\_\_\_\_. “Da taba do Serigy ao balão do Porvir: representações sobre índios em Sergipe no século XIX”. IN: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n. 33, p. 21-45, 2000-2002.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Enforcados: o índio em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Estudos brasileiros; v. 52)
- MOTT, Luiz. **Sergipe Del Rei: População, Economia e Sociedade**. Aracaju: FUNDESC, 1986.
- SILVA, André Luiz Esteves da. “Arqueologia em Cachoeirinha”. IN: SANTOS, Jânio Vieira dos (et ali) (org). **3ª Antologia Literária da Academia Dorense de Letras**. Aracaju: Editora ArtNer, 2019. p. 174-181.
- SILVA LISBOA, L. C. **Chorografia do Estado de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1897.

**\*João Paulo Araújo de Carvalho**

Professor, Historiador, Membro da ADL, ABLAC e do GEELL.

joaopaulohistoria@gmail.com

## Jaime das Meninas: propagador da cultura nordestina e dorensenidade

Por Valtênio Paes de Oliveira\*



Jaime das Meninas.

Jaime Bispo dos Santos nasceu em 30 de junho de 1939. Natural de Nossa Senhora das Dores no atual bairro Volta. Casado quatro vezes, 14 filhos e muita dedicação ao trabalho e à cultura dorensenidade. Cônego Miguel Monteiro Barbosa era o governante municipal entre 1938-1941, como interventor no Estado Novo de Getúlio Vargas. O nome Jaime das Meninas surgiu quando colocava uma boiada no trem na cidade de Porto Real do Colégio (AL). Na ocasião, antes de fazer o pagamento, o proprietário da boiada lhe perguntou seu nome. *“Jaime das Meninas”*, respondeu. Inspirado com a presença de uma bela mulher no ambiente.

Oriundo de uma sociedade tipicamente rural e economia de subsistência, do milho para o cuscuz da manhã, feijão e farinha de mandioca para o meio dia. Era o cardápio base da maioria da população. Grandes proprietários rurais controlavam a economia com criação de bovinos de corte e plantio de algodão. Uma sociedade conservadora, onde morar na praça da Matriz era símbolo de poder dos fazendeiros de gado. Por ter nascido no povoado, restava para Jaime o trabalho infantil, à época, permitido nas fazendas de algodão e capineiras para bovinos. Relata emocionado a primeira montada na garupa do cavalo e o primeiro cavalo que ganhou da avó. Jaime apaixonou-se pelo tanger boiadas.

Cresceu com a paixão pela profissão da época. Fazendeiros e comerciantes utilizaram da sabedoria e do trabalho de Jaime das Meninas no transporte bovino e na atividade recreativa da cultura nordestina respectivamente. Com exemplar lucidez e detalhes numa conversa de 50 minutos ao telefone, lembra até os cinco mil réis, da primeira diária como roceiro nas fazendas de Jádriel e Armando, a garupa na primeira montada, a primeira queda do cavalo, o primeiro cavalo, o acidente grave, a assistência da população e o dormir no mato sozinho para chegar cedo ao local do transporte de gado. Gosto, zelo e determinação pelo que fazia, foram marcas desse vaqueiro-boiadeiro.

O poderio dos fazendeiros na economia local era tamanho que nos anos 1970 abatia-se de 300 a 400 animais por semana, abastecendo de carne do sol os mercados das cidades vizinhas e da capital Aracaju. Seu ritual de produção incluía abater bois castrados à tarde, desossar, salgar as mantas de carne, colocar no aloque — para no dia seguinte ir por minutos ao sol e depois ser vendida no outro.

Como muitos nordestinos, chegou a ir à São Paulo. Mas anualmente voltava à sua cidade natal para algumas comemorações, até que retornou definitivamente para o bairro onde nasceu, onde viveu sua infância e mora até hoje. Vaqueiro pleno, não esqueceu o ensinamento do tio sobre a primeira queda: *“quando o boi fizer a curva na frente, o cavalo também vai fazer”*.

Seu deleite fora sempre lidar com bovinos e cavalos. Eclético, envolvia-se com a pega de boi, cavalgadas, touradas, corrida de argola, missa do vaqueiro, rodeio — todos como esporte e lazer. Sempre convidado tornava-se estrela no evento. Ante a inexistência de outros meios de transportar bovinos, o “tanger boi” virou a atividade profissional de Jaime das Meninas desde sua adolescência.

Transportava a boiada pelo dia, prendendo à noite. Pediam pouso nas fazendas deixando o gado retido em pequenos pastos ou currais. Sempre em grupo, os vaqueiros dormiam em redes nos currais, faziam comida quando não recebiam doações nas fazendas que pousavam. Curioso é que, para Jaime, quanto menos boi a ser tanguido mais difícil era conduzi-lo. Quando se deparava sem domínio completo da localização e direção, já que não existiam mapas, tocava a boiada perguntando a direção às pessoas que encontrava no caminho.



Relata que uma viagem com boiada Dorés-Aracaju durava aproximadamente três dias. Fizera viagem tangendo boiada até 32 dias na estrada, a exemplo para Jequié (BA), com outros vaqueiros. Foram muitas e centenas de bois. Levou muito tempo da vida tangendo boi para Propriá, Aracaju, matadouros, frigoríficos de uma fazenda para outra, entre municípios sergipanos e estados vizinhos.

Na conversa, destacou grandes companheiros no transporte bovino, dentre eles, Guilherme de Antônio Roco, Hugo de Sandoval. Não esquece nos relatos sobre Arnaldo da Farinha criador do “casamento dos tabaréus”, de Cili e Zezinho de Oseias, do Pe. Oséias e da entrevista para Pierre Feitosa. Conta a primeira vez na “Tourada de Geraldo Sem Medo”, a vaia fácil recebida pela queda. Para ele a tourada *“é fácil basta concentração... segredo é não ouvir o público que assiste... se concentrar no movimento do boi... com dois toureiros ... um distrai o boi e o outro pega ...”*

Saindo dos becos e arredores da cidade ante o preconceito dos mais ricos que moravam no centro, quebrou a resistência social com Tonho de Flávio, ao realizarem a primeira corrida de argolas na cidade. Doravante, a integração se estabeleceu e inúmeros eventos recreativos ocorreram dentro e fora do perímetro urbano. Segundo Tonho de Flávio, num domingo chuvoso e solo escorregadio, improvisou espalhando pó de serra, junto com Jaime das Meninas, a primeira corrida de argola na cidade nas imediações do atual Fórum da Justiça Estadual, em 1988. Para Tonho de Flávio, amigo e companheiro de cavalgada e corrida de argola, Jaime das Meninas foi o maior tangedor de bois diferenciado na região, humilde, leal, festeiro, sem ganância e propagador da cultura regional do município.

Conheceram-se em eventos de salto de argola por volta de 1988. Tais eventos consistiam em colocar obstáculo de tronco de bananeiras para que o cavaleiro montado conseguisse, ao mesmo tempo, um salto do cavalo e acertar o aro da argola pendurada. Com o tempo, a atividade fora substituída pela corrida de argola em que o cavaleiro montado em disparada teria de acertar o interior do aro da argola trazendo-a numa vareta.

Tonho de Flávio não esquece quando, juntos, organizaram o evento na cidade — já que sempre ocorria nos subúrbios. Seguiram-se muitos outros promovidos pela dupla, destacando um em 2012 no governo municipal de Aldon Luiz. Nos últimos anos, instalou uma tourada nos fundos da própria residência, oferecendo espetáculo para todos.

Típico também, o Casamento dos Tabaréus nos festejos juninos ampliado para a “Missa do Vaqueiro”. Todo cortejo tinha à frente a emblemática figura de Jaime das Meninas, independentemente de predileções políticas. Conseguiu superar ciúmes políticos, talvez a única liderança cultural da cidade que sobrepujava disputas políticas locais nos eventos que organizava, por ter todas as tendências participando. Jaime das Meninas dava grife ao evento.

Nossa Senhora das Dorés, nas últimas décadas do século XX e no primeiro quinto do século XXI, construiu uma classe média pujante liderada por uma população urbana com forte comércio regional, bancos e servidores públicos. As mudanças sociais e econômicas não alteraram o empenho de Jaime das Meninas nem o gosto da população pela sua proposta de vida. Persistem as fazendas de boi de corte e leite sem esquecer a figura experiente do divulgador do esporte e lazer através de bois e cavalos.

Jaime das Meninas nos premia com uma instigante história de vida e dedicação aos costumes de sua cidade. Homens, mulheres, crianças e adolescentes de Nossa Senhora das Dorés e região, desfrutaram de suas participações em cavalgadas, touradas, corrida de argola, pega de boi, casamento dos tabaréus, missa do vaqueiro, salto de argola. Ativo e apaixonado pela lida com bois, chegou até o rodeio profissional por mais de 12 anos nos eventos de Aldon Luiz. A história de Jaime das Meninas encarna cidadania e pura dorensenidade. Para ele, *“era a melhor coisa que sabia fazer, repetiria tudo novamente porque adorava fazer.”*

---

**\*Valtênio Paes de Oliveira**

Professor, Advogado, Escritor e Membro da AMSACL.  
drvalpo@uol.com.br



# Nas pegadas do Folclore

## *Daqui pr'ali foi q'eu perdi...*

Por M. Cardoso\*



*Moleques pulando cela,*  
óleo sobre tela.  
Cândido Portinari, 1958.

Em linguagem habitual, *Folclore* é qualquer expressão espontânea de cultura, a partir do ver, julgar e agir.

A partir dessa premissa, e apenas apoiado no jogo da memória, discorro sobre alguns aspectos da linguagem simples, espontânea, arguta, de nossa gente no universo dos Enforcados, sobretudo, e aludo a algumas circunstâncias em que **a palavra** é empregada como atividade lúdica, através de inteligentes jogos... de viver.

Aludo inicialmente à riqueza das anedotas, que circulavam sem fronteiras, pois preenchiam o espaço da liberdade de cada um. A linguagem popular daquele tempo ainda não tinha sido contaminada pelos modismos atuais, que até enfeiam a língua, embora sejam naturais, pois o idioma é algo dinâmico, evolui conforme as exigências do que exige a sociedade. Há diferenças profundas entre a língua empregada por Gil Vicente, grande dramaturgo português, séculos XV/XVI e a de hoje, seja em Portugal ou nos vários países que empregam o idioma português como meio de comunicação.

*Daqui pr'ali foi q'eu perdi, daqui pr'ali foi q'eu perdi!*  
*Daqui pr'ali foi q'eu perdi, daqui pr'ali foi q'eu perdi!*

*Qu'é isso, menino, tá querendo sopa!*  
*É sopa mesmo! É sopa mesmo! É sopa mesmo!*

A anedota referida é oportuna nesta época do ano, quando se comemora o Dia do Folclore, em 22 de agosto, dia em que surgiu registrada, pela primeira vez, a palavra **Folk lore**, na Inglaterra, em 1846... Esta resenha, no entanto, não se prende à historiografia do folclore, como um todo, vastíssimo campo digno de estudo, de dissertação ou de tese universitária.

A anedota alude ao pedido feito a um garoto, que deveria adquirir alguns ingredientes para uma sopa. E ele se esquece da palavra **sopa**, tenta relembrar, refazendo parte de seu percurso, em extrema inquietação. Ao encontrar o garoto naquela cantilena, um passante julga que ele se dedicava a uma brincadeira, e emprega o termo **sopa** com significado metafórico, e soluciona o problema do garoto.

Além das **anedotas** (campo vastíssimo da língua), há os **ABC** (*Diz um A, amada minha, diz um B, bela adorada, diz um C, cesta de flores, diz um D, donzela amada...*). As **adivinhas** (*Do palmito nasce a palma, da palma nasce o palmito, quero que me diga em verso, quem entrou no céu sem alma?*). As **charadas** (O símbolo matemático cai e se faz **fruto**, 1-2). Os **trava-língua** (*O sultão de Constantinopla se desconstanpinapolitanizou, se ele não se desconstantinaplitanizasse, que se desconstantinapolitanizaria?*). Os **palíndromos** (emprego de palavra, frase ou número que podem ser lidos em qualquer direção, com o mesmo significado). Os **anagramas** (termos que permutam os fonemas e criam palavras novas), Os **trocadilhos**, (jogo de palavras que apresentam sons semelhantes ou iguais, mas que possuem significados diferentes. *Quem tudu keds, nada tênis*), As **pegadinhas** (formas para expressar experiências comuns, conferindo originalidade, emotividade ou teor poético ao discurso... que tornam a linguagem atraente)...



*Roda Infantil,* óleo sobre tela.  
Cândido Portinari, 1932.

A linguagem popular é imbricada de inventividade, o que atesta sabedoria, criatividade e até malícia, pura criação humana e não se encontra nos compêndios acadêmicos e sim na tradição oral. **As adivinhas**, (*Juro por ti, vida minha, passo de pé é, quem não adivinhar este ano, para o outro que vier, cara de cavalo é.* Pretende-se saber o nome de um pássaro). Ou, *Atirei no que vi, matei o que não vi, com lasca de santa, assei e comi, entre o céu e a terra, água bebi.* (O enunciado é todo entremeado de expressões metafóricas. Pretende-se que o leitor torne a expressão objetiva). Ou, *O que é um ca-sê-bô-dô-nê*, que poderá ser *O que é um cacebodonê?* Há expressões hilárias, atribuídas a respostas de estudantes em sala de aula, como, *O que é uma ilha?* (Indaga a professora e o aluno responde): *É um lote d'água, com um ripulero de terra no meio.* (No estudo do Folclore, o pesquisador não se atém à veracidade dos fatos).

Existe uma declaração de amor toda expressa em trocadilhos, que atesta a inventividade de nossa gente. *Minha cara Bina, se eu pudesse, amá-la-ia. Meu coração por ti, gela, meus amores por ti são...* e havendo uma recusa de amor, prossegue o declarante, *Como não posso amar ela, já nela não penso não.* Em estilo semelhante, existe a historieta de uma mãe que sai em companhia da filha e de uma comadre, a fim de fazerem uma visita. *Tomemo café e fumo. Eu ca minha, comade ca dela. Topei dando. No camim, encontrei um home cum a va de futucá gado.* (E como houvesse ameaça de chuva, exclama). *Cha mi já, que tá pingando.*

Não se alude neste espaço, no entanto, ao anedotário, ao canto de trabalho, às cantigas e cirandinhas, às marcas de jogos e brincadeiras, às parlendas, às narrativas que circulam em toda parte, ou às Histórias de Trancoso, que já mereceram pesquisas e publicações, pois o campo é quase inesgotável.

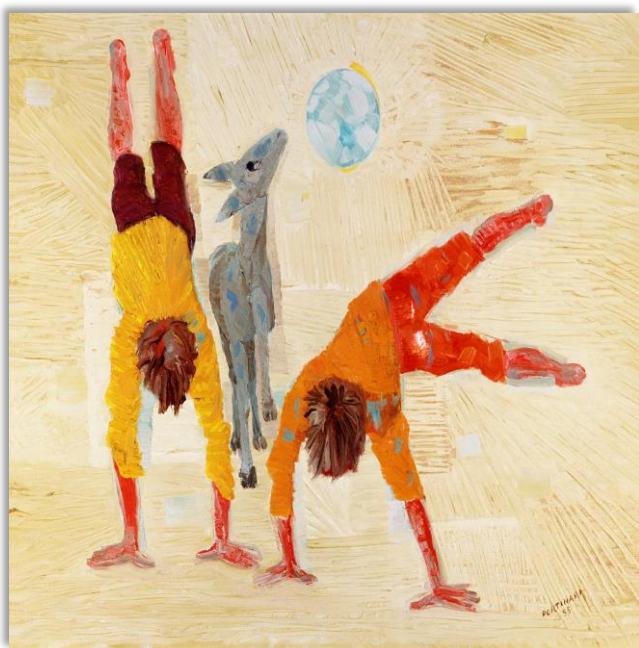
Esse resenhista *diplomou-se* nas escolas populares do dia a dia, nos Enforcados/Taborda, Itabaianinha e Aracaju, na infância e adolescência, que lhe proporcionou um aprendizado extraordinário desse conhecimento que o povo detém, rarissimamente valorizado, e estudado, quase somente por aqueles que sentem afinidade com a rica expressão de nossa gente mais simples.

É conveniente destacar que é de Sergipe o pioneiro do estudo do Folclore Brasileiro, Sívio Romero. E que no Brasil tem havido grandes estudiosos *dessa ciência*, como Câmara Cascudo, Theo Brandão, Renato Almeida, Alceu Maynard de Araújo, Rossini Tavares de Lima, Barbosa Lessa, e dezenas e dezenas.

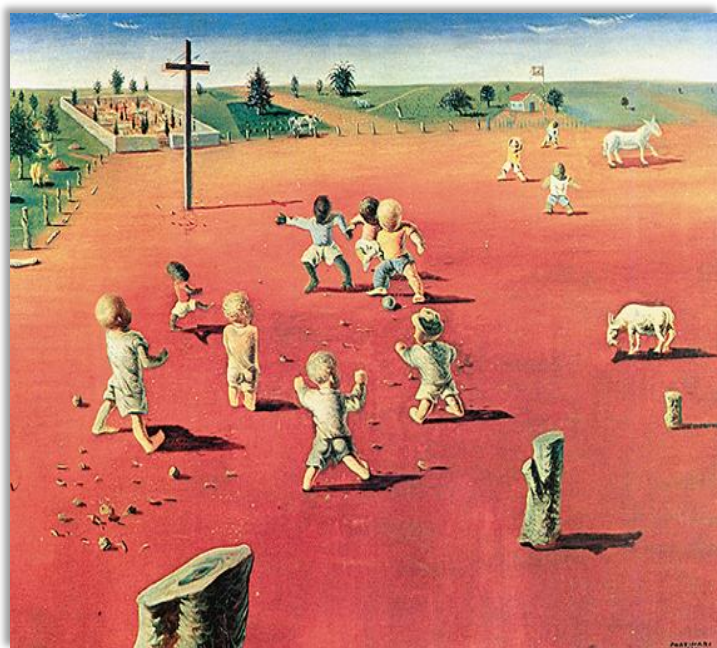
Esta resenha constitui-se como pálida informação sobre nosso folclore, aludindo somente a alguns aspectos da Palavra.

M. Cardoso

Professor, Pesquisador e Escritor.  
noelsam@terra.com.br



*Cambalhota*, óleo sobre tela.  
Cândido Portinari, 1958.



*Futebol*, óleo sobre tela.  
Cândido Portinari, 1935.

# A atualidade política na obra *O Príncipe*

Por Viviane Santos Cardoso\*

*O príncipe*, escrito em 1513 por Nicolau Maquiavel, foi traduzido para diversos idiomas e é, sem dúvidas, a obra mais importante desse escritor, sendo inclusive, comentada por Napoleão Bonaparte<sup>1</sup>. O livro, que se estrutura similarmente como um manual de boa governança, apresenta observações feitas pelo autor naquela época, mas que se mostram tão atuais e pertinentes até os dias de hoje, a ponto de serem bastante estudadas e debatidas no âmbito acadêmico, especialmente na área de ciências humanas.

Sendo uma produção que é fruto das experiências com os homens e seus costumes políticos e sociais da época e compiladas como um passo a passo para uma boa administração de um Estado, seja novo ou então para a manutenção daqueles que já estão no poder, Maquiavel nos diz nessas análises que aqueles que governam uma cidade precisam ter fundamentos consistentes como leis e princípios, pois se não tiverem, cairão em ruínas. Ainda sobre a ideia de leis, o capítulo XVIII, consiste em discutir o modo como um príncipe deve manter suas palavras, que é algo de extrema importância, pois se não mantiver, pode acabar perdendo a autoridade e causando desordem diante de seus súditos. Sendo assim, o autor diz que existem dois modos: o primeiro seria pelas leis, que é próprio do homem; o segundo, a força, que é natural dos animais. Maquiavel diz ainda que, às vezes o primeiro não é suficiente, então se faz necessário o uso do segundo. Portanto, cabe ao regente usar de maneira equilibrada o animal e o homem, já que um sem o outro não é durável.

Sendo o governo constituído não só por aqueles que o dirigem, mas também pelo povo, já que de certo modo o governo é a representação da sociedade, pois ela é que elege ou mantém alguém no poder, Maquiavel nos mostra que é necessário que todo principado tenha o povo como amigo, pois uma das maiores fortalezas, das quais um governante pode se valer, é não ter o ódio da população, sendo tal apoio, a garantia da durabilidade de um governo, diante das adversidades que podem surgir. Esse ponto é bastante importante, já que, ao longo da história, e

em vários países, muitos governos foram derrubados por conta da pressão e manifestação popular. Um exemplo disso, foi a queda do governo de Fernando Collor, o primeiro presidente do Brasil a sofrer um impeachment, após seu irmão, Pedro Collor, denunciar um esquema de corrupção que revoltou os brasileiros e os levou às ruas em manifestação, o que fez abrir o processo de destituição do cargo, assim como as várias manifestações a favor da exoneração da presidente Dilma Rousseff em 2016.

Além de todas as coisas que se pode fazer para governar e/ou se manter no poder, é de suma importância para a logística, organização e bom funcionamento de um governo ou até mesmo de qualquer instituição, a escolha dos ministros ou secretários. Segundo Maquiavel, o ministro que *“Em todas as ações procura o seu interesse próprio, podes concluir que este jamais será um bom ministro e nele nunca poderás confiar”* (2017, p. 95). Não só no governo, mas em qualquer órgão onde as pessoas que o administram pensam primeiro em si, quase sempre não pensarão no povo, já que o interesse pessoal está em primeiro plano, e na primeira ocasião, tentarão tirar algum tipo de proveito diante das oportunidades e do cargo que ocupam. Atualmente, o poder executivo é o responsável pela escolha dos ministros e a população, responsável pela escolha dos legisladores. Desta forma, cabe também ao povo fazer escolhas sábias, pois se não as fizer, terá não somente ministros, mas toda uma cúpula política em que não se poderá confiar, e nisso não precisamos nos alongar, já que sempre vemos nos noticiários, políticos sendo investigados ou escândalos de corrupção em nosso país.

Mesmo com tais virtudes e conhecimento que um gestor pode possuir, isso não livra o Estado de passar por determinados problemas. No entanto, quando se conhece com antecedência aquilo que o atinge é mais fácil de amenizar ou sanar. Um exemplo claro e muito atual, é a propagação da pan-



demia do novo coronavírus no Brasil, apesar de não termos sido o primeiro país a ser infectado pelo vírus e de já sabermos como ele se transmitia e quais os meios de combate, somos um dos primeiros no ranking de infectados e mortes no mundo segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Isso, devido ao país ter ido em alguns momentos na contramão de tratamentos e cuidados que outros países, já infectados pelo vírus, demonstravam ter eficácia. Ou seja, quanto antes o governo age diante de um problema, mais fácil e rápida é a resolução. Sendo assim, quando não se conhece com antecedência os males que atinge o Estado, o governante “*Não é verdadeiramente sábio*” (MAQUIAVEL, 2017, p. 59). Maquiavel diz ainda que é importante conhecer bem o seu país para que desta forma saiba melhor identificar as defesas de que se dispõe em uma situação de guerra. Um governante que conhece não só os meios de defesa, mas todas as virtudes e recursos que seu país possui e usando-os de maneira sábia, o país, bem como seu governo, só tende a progredir e se fortalecer ainda mais, além de ganhar o prestígio e apoio da população.

Nicolau Maquiavel (1469-1527), nasceu na cidade de Florença, na Itália. Foi dramaturgo, poeta e escritor político, destacando-se também com as obras *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* (1512-117), *História de Florença* (1521-1525) e a comédia *A mandrágora* (1524). Aos 25 anos, iniciou a vida pública no cargo de relações exteriores de sua terra natal. Nessa função, participou de diversas missões diplomáticas junto à corte italiana, possibilitando ao escritor múltiplas experiências e influenciando seu pensamento. Com *O príncipe*, escrito após Maquiavel ficar um tempo afastado da vida pública, ele não apresentou somente essas características e estratégias já exibidas para se obter um bom governo, mas também, de como se manter no poder, quais os tipos dele, quais as fortalezas que deve ter, o que saber sobre o seu próprio país e súditos, entre tantas outras coisas examinadas por ele que tornam sua obra muito atual e justifica seu prestígio ao longo do tempo.

Dizendo não encontrar nada que mais estime do que o conhecimento e que não encheu sua obra de palavras pomposas nem magníficas como alguns escritores fazem, pois queria que nada chamasse a atenção na obra a não ser a variedade do conteúdo por ele abordado, *O príncipe* é uma excelente indicação para aqueles que se interessam por assuntos políticos e sociais, pois as análises feitas nele se fazem atuais e vão muito além das que aqui foram mencionadas, mesmo tendo sido escrito em 1513, nos apontando desta forma, como alguns aspectos e problemas cotidianos de alguns governos já existiam há séculos. Com isso, a obra nos possibilita enxergar coisas que estagnaram, regressaram ou então progrediram ao longo dos séculos na esfera política, e de como alguns problemas recorrentes naquela época ainda se fazem presentes nos dias de hoje, mostrando-nos, assim, a necessidade da leitura desse livro, pois como Maquiavel diz que é necessário que os príncipes leiam as histórias para poderem observar como os grandes homens conduziam as guerras, faz-se pertinente a leitura desse manual para que os homens e gestores vejam como um bom governante deve conduzir um Estado.

---

1 – Napoleão Bonaparte (1769-1821), notório imperador francês do século XIX. (N.E.)

#### REFERÊNCIAS

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Porto Alegre: Pradense, 2017.

Uol Notícias. Coronavírus. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/2020/07/29/coronavirus-oms-registra-16558289-casos-e-656093-mortes-no-mundo.htm>. Acesso em 29 de julho de 2020.

**\*Viviane Santos Cardoso**

Acadêmica em Letras Portugêses (UFS), Poetisa e Membro do GEEL.  
vivi.205cardoso@gmail.com

## RESENHA: A MORTE FORA DE HORA, JOSÉ LIMA SANTANA, CUATIARA, 1993, 156 PÁGINAS, CDD – 869.935

Por Gilberto Luiz Araújo Santana\*

*A morte fora de hora*, obra do gênero romance, de autoria do escritor José Lima Santana, muito embora se caracterize como uma ficção, os fatos narrados com riqueza de detalhes fazem-nos mergulhar em tempos passados, ainda não muito distantes, que mesmo considerados como meras coincidências levam-nos a relembrar uma realidade que sempre caracterizou o cenário do cotidiano nordestino, particularmente de uma pequena comunidade interiorana.

Caracterizado por uma combinação literária que tipifica o romance regionalista com o urbano, vez por outra, entremeia-se com o romance histórico, o que permite ao leitor conterrâneo do autor, sem muito esforço, relembrar momentos presenciados e vividos, que retratam de maneira bastante clara e fiel, a história de um povo simples, trabalhador e respeitado.

João Calixto, o personagem central da história, um humilde e pacato homem do campo, temente a Deus, que faz da sua labuta diária um verdadeiro sacerdócio. Ele retrata, fielmente, o modo de viver e agir do pequeno lavrador nordestino, que de sol a sol, em todo o ano, todos os anos, derrama seu suor para garantir o sustento de sua família e a manutenção da sua dignidade. O sofrimento permanente, as necessidades constantes, a falta de um olhar solidário de alguém que possa amenizar tanta agonia, mortificam esse ser vivente, que por sua condição de pobreza fica sem ter a quem recorrer; aos políticos locais, que segundo Zé Bento, seu “anjo” inspirador e grande defensor dos desvalidos, só fazem explorar o pobre, em seu proveito próprio? Ao Padre Manoel Monte, também político, que até já fora Intendente do município, uma espécie atual de Prefeito, mas que sempre viveu às “beiras” do poder; um autêntico comensal? Não, João Calixto não era homem para essas coisas, era pobre, sim, mas tinha muito caráter. Haveria de “penar” sempre, mas não se dobraria à toa a ninguém, nesse mundo. Esse orgulho, não era uma particularidade somente de João Calixto, não, pois todo homem que se respeitava, que não se dobrava por qualquer coisa, era como ele, duro na queda, madeira de dar em doido.

A obra apresenta-se, portanto, dentro de uma linguagem simples, coloquial, bem característica do ambiente no qual transcorrem as relações econômicas, sociais e políticas dos envolvidos. Muitas vezes, a ganância, a ambição, o ter sem “medidas” e a força bruta subjugavam e desrespeitavam os direitos, naquela época, negligenciados, principalmente, se houvesse um interesse político; aí o “cancão piava até Maria chegar da lenha”; o “fuzuê” era grande, a fofoca, nem se fala. O pobre que era para ter, não tinha; o rico que tinha, “barrotava”. Assim era a vida de João Calixto, da sua mulher, Dona Antônia, Zé Bento, o “defensor” dos pobres, que foi parar na cadeia, acusado de ser comunista, o compadre Germano, Zé de Fulô, mestre Ambrósio e tantos outros, que de igual modo “penavam”. Por sua vez, os ricos Chiquinho Vieira e seus irmãos, que se contentavam em “ter”, em “juntar”, viviam de forma simples, para os seus “teres”, não eram vaidosos, nem rançosos, como os outros de mesma classe social e econômica. Já Elizeu Moura, fazendeiro avaro, não se contentava com o que possuía e, não raro, se apropriava indevidamente do pouco possuído pelos pobres, a exemplo do que fizera com João Calixto, que escapou do prejuízo maior, não fosse a interferência do amigo Chiquinho Vieira. Por último, os políticos, encarnados principalmente nas figuras de Totonho Reis, Francolino Santana e Josué Nogueira, que fazendo uso descarado da simplicidade e inocência dos mais necessitados, em cada eleição vendiam as consciências dos eleitores, sob a forma de votos, aos “coronéis”, que naquela época mandavam, isto é, brigavam ferrenhamente e até se matavam, com o fim único de se perpetuarem no poder.

A estória com indícios fortes de história, se desenrola como se percebe, em torno da figura de João Calixto, um simples ser, de nenhum estudo, mas de inigualável saber, de um coração generoso, entranhado de sentimento fraterno, cuja solidariedade transforma-se em verdadeira obsessão. Também, muitos outros habitantes locais eram possuidores de postura semelhante, o que tornava patente a identidade daquela gente, cujos valores morais chegavam a rincões bem distantes.



Volta e meia vinha a tal da política, e aí, João Calixto, que jamais esquecera seu amigo de estima, Zé Bento, intrigava-se por não saber do seu paradeiro, desde que fora preso pelos militares da revolução que assolara o País, que destituiu o governador, que prendera um sem número de outros políticos. Isso o inquietava e, por certo, preocupava ainda mais Dona Antônia, sua inseparável companheira. Agora queria votar na eleição, queria de fato ser cidadão, iria aprender a ler, ou melhor, escrever seu nome, pois já havia combinado com Dona Júlia, uma espécie de professora voluntária. Agora o voto era o da sua escolha, da sua consciência, pois nunca mais colocaria na urna chapas marcadas. Algo doravante haveria de mudar, já não bastava a luta inglória de Zé Bento, João Calixto faria o coro necessário para que a luta tivesse causa e efeito. Porém, entre dois sóis existe uma noite, noite de escuridão, que não pouparia nem mesmo aquele gigante de bons propósitos, de boa índole. Eis, que sucumbe, em meio a seus devaneios, João Calixto, não para ser um mártir ou um herói, mas para reafirmar Euclides da Cunha, de que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

O autor, um exímio e competente pesquisador da história, possui uma habilidade ímpar e naturalmente invejável, pois consegue fazer um verdadeiro malabarismo com as ideias e as palavras, em perfeito sincronismo entre a caneta e o papel. Sua linguagem simples,

interiorana, matuta, por assim dizer, transforma um cenário fictício em um ambiente concreto, palpável, verdadeiro, real, no qual cada um pode se ver fielmente, ou de forma bastante próxima. Sem dúvida, trata-se de um escritor, um intelectual destacado, que valoriza seus escritos, que os tem como seus filhos queridos e que em muito engrandece sua gente e seu “torrão natal”.



Arquivo José Lima Santana

**\*Gilberto Luiz Araújo Santana**

*Membro fundador da ADL.*

[gilbertosantana.santana@bol.com.br](mailto:gilbertosantana.santana@bol.com.br)



**Em homenagem ao centenário da cidade de Nossa Senhora das Dores, em outubro de 2020, o GEEL trará para os seus leitores uma Edição especial da REL.**

**Aguardem...**

# Memórias da praça do Comércio em minha adolescência

Por Luís Carlos de Jesus\*

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

*Eduardo Galeano*

Desde que passei a morar no beco da caixa d'água, atual Praça Manoel Paes de Araújo, na cidade de Nossa Senhora das Dores, por volta dos 8 anos de idade, com consentimento de minha mãe e por necessidade familiar, de algumas formas, procurei contribuir com as despesas da casa e/ou com meus próprios gastos. Assim, tive algumas experiências como vendedor de bolo de ovos, às vezes, de milho e suco de pacote. Naquela época, o local ideal de venda foi o canteiro de obras de construção da segunda caixa d'água da Deso na cidade, bem próximo à minha casa. Depois me tornei vendedor de geladinho de porta à porta pelas ruas da cidade. Mas o ganho era pouco e vislumbrei a venda de pão no cesto, transportado no ombro, da padaria de Lolita, localizada no cruzamento das ruas Benjamin Constant e Edésio Vieira de Melo, até as proximidades da atual delegacia da cidade. E para complementar os rendimentos passei a vender picolé da Sorveteria São Pedro, à tarde, após chegar da escola.

Como percebem, eram atividades bem laboriosas para uma "criança". Friso que o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) ainda não existia, nem tampouco o Conselho Tutelar atuava na cidade. Não que eu tenha queixa por minha mãe ter me orientado ao trabalho tão cedo. Ao contrário, o pouco que sei é fruto, também, dessas experiências.

Mas é chegado o momento de conviver mais presente na praça do centro, o qual já conhecia da venda de picolés. Tudo começou, por volta de 12 anos de idade, quando passei a trabalhar na padaria Santo Antônio, "propriedade de Tonho de seu Nita" (ambos *In memoriam*). A jornada diária começava às 4h quando saía de casa e retornava às 6h, para ir à escola. Das 14h às 20h completava a carga de trabalho, ganhando alguns trocados semanalmente. Ali vivi uma fase de grande aprendizado, conheci muitas pessoas e convivi com várias situações que passo a externar agora sobre o centro da cidade de Nossa Senhora das Dores.



Praça do comércio 1995  
Acervo Ari Pereira

O movimento a partir das 5h já era frenético com os ônibus da viação São Pedro e, depois, da viação Bomfim se deslocando para a capital sergipana, oriundos das várias cidades sertanejas de nosso Estado. A parada principal era na lanchonete Belvedere da Amizade de seu Aurinho (Auro dos Santos), esposo da saudosa Terezinha Barbosa. Lá, as pessoas faziam um breve lanche e geralmente usavam o banheiro, no qual corriqueiramente se avistavam filas. O movimento no local começa às 4h da matina com reunião de vários senhores que tomavam aí seu primeiro cafezinho. Dentre eles destaco: Jarinho do bar da traíra, o saudoso seu Orestes, oficial de justiça, Nucha, Zé da Cruz, Zé Cardoso e o proprietário do estabelecimento. Ali eram debatidas as primeiras notícias (amenidades) que se espalhavam pela cidade naquele dia. Esporte e política nunca faltavam na pauta.

Logo começavam a chegar ao centro comercial jovens com tabuleiros abarrotados de bolos de tudo quanto era sabor, produzidos por várias doceiras, tais como: Dona Però e Dona Lucila de Zé Francisco, as mais conhecidas. Um dos grandes vendedores, como também dos mais brigões, era o X 30 do João Ventura. Além deles, destaco o nosso confrade Manoel Moura e seu pai Lourinho vendedores de frutas e coco verde; a senhora Amazilde do povoado Itaperoá, com suas bananas doces como mel; Roberto de Deba com sua barraca de caldo de cana e a barraca de cachorro quente de Domingos, que tinha como ajudante Nilson, conhecido como Chitiinha. Era o *point* da cidade do final da tarde até os alunos voltarem da escola à noite. Depois surgiram outras barracas de lanches como a de Jorge de Elizeu (*In memoriam*) e Gilson (Baby Lanches). Observo, esses vendedores se alojavam embaixo e/ou lado das frondosas árvores - pés de Figo e um Oiti -- que circundavam a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, popularmente, Praça do Comércio.

O movimento da padaria também aumentava continuamente, obviamente estava chegando a hora do café da manhã. Concomitantemente, o movimento na agência, local onde se vendia as passagens, era intenso, pois da padaria a visão que eu tinha era de ônibus partindo e chegando a todo instante. Lá trabalhavam os agentes Zé de Unaldo e Souza da rua do Ouro.

O movimento era contínuo durante todo o dia, com pequena pausa do meio dia até início da tarde quando o comércio reabria as portas. As pessoas, lembro-me bem, vindas do sertão, esperavam na porta da Casa Lima para fazerem suas compras. Na verdade, a Casa Lima, a panificação Santo Antônio, ambas localizadas na esquina da rua Barão do Rio Branco (Rua do açude), o Gbarbosa e a Sapataria Única (de Neneu) eram referências para compras.

A partir das 15h, quando passageiros retornavam de Aracaju, o ponto para o lanche era a padaria. Vendíamos em grande quantidade o pão com cobertura de creme de cocô; a broa com cobertura de farofa crocante feita com ovos, manteiga, açúcar e farinha de trigo; o famoso bolachão com cravo da Índia e a sergipana. À proporção que as filas de ônibus se formavam, também se davam os pedidos pelos pães, sempre acompanhado da frase: *ligeiro senão perco o ônibus*. Por volta das 17h o movimento já era mais caseiro, aproximava-se o horário do jantar.

Agora, com a devida permissão do administrador da panificação, Roberto de Nita (*in memoriam*), vou fazer um *tour* pela praça destacando seus pontos de referência nas esquinas e algumas lojas. Durante o trabalho tinha tempo de, no máximo, me deslocar até o Gbarbosa. Onde sempre se encontrava, logo na chegada, seu Juraci (Jura de Acássia), funcionário de muitos anos naquela empresa. Até lá, passava pela casa do confrade Roberto Figueiredo (Robertinho), pela agência, pelo Cartório de Jaime, pela Ultralar (uma das primeiras lojas de móveis da cidade) e pela casa do finado Valdeck.

Geralmente, ao pôr do sol, eu levava três pães ao senhor João Azevedo, o qual morava em um prédio vermelho, bonito, com várias portas, onde também funcionava o Cartório Eleitoral, na esquina da viela que dá acesso ao mercado municipal, em frente ao Banco do Nordeste. Gostava, na maioria das vezes a gorjeta era maior que o valor dos pães.

Na continuidade da calçada do banco, encontrava-se a central telefônica da Telergipe e, de frente, na esquina que dá acesso à rua Benjamim Constant ficava a Casa São José (de Zé do Farelo) maior vendedor de farelo de trigo e também vendedor de peças de bicicleta. Sempre levava minha velha Monareta, recém-comprada, de terceira ou quarta mão, para seu Manoel consertar, este vinha todos os dias de Cumbe para fazer serviços em bicicletas da cidade.

Em direção à rua Gildo Lima (antiga rua de Capela) ainda encontramos o Bar de Delson (atualmente dirigido por seu filho Paulo) e em frente estava a casa de seu Edilberto, onde eu sempre diminuía o ritmo das passadas para ouvir algum dos vários instrumentos que ele costumava tocar, lembro-me do piano, da sanfona e do clarinete. Dali se chegava à Churrascaria Copa do Mundo (de Tonho da Copa) para onde levava os pães encomendados. Gostava tanto quando Tonho dava um pedaço de bolo com um cafezinho. Às vezes, dava um pulinho, mais adiante, à venda de seu Vitor (*In memoriam*), só para ver os preços dos piões, mas ficava fascinado com os bois de barro. Só os apreciava, o dinheiro era curto para comprá-los.

Na volta para o trabalho, chamava-me atenção, em outra esquina, o sistema de som que funcionava, principalmente às segundas-feiras, da Esquina da Economia (loja de confecção de seu Jadiel), a Comase (Companhia Agrícola de Sergipe), a Miscelânea (loja de material de construção de seu Bilírio, esposo de Dona Ivanilde e pai do ex-prefeito José Ivan), Cartório de Paulinho (Cartório do 1º e 2º ofício) e, dentre outras, a Casa Lima.

Como forma de homenageá-los e agradecer pela convivência harmoniosa relaciono alguns colegas de trabalho: o torcedor do Santos, do Botafogo e do Sergipe, Roberto dos Santos, conhecido por Roberto aleijado, foi uma espécie de tutor para mim, além de chefe e amigo, sua retidão alicerçou meu caráter pelo exemplo; Zé do pão, ex-vereador do município; Joelito, funcionário da Energisa; Zé Carlos de seu Antônio Alagoano e Lico do Gbarbosa. Além desses que trabalhavam no balcão, destaco Vadinho “cabaré” e Viola, os quais trabalhavam na linha de produção.

Às vésperas da cidade de Nossa Senhora das Dores completar 100 anos, registro o que a memória mantém de uma adolescência que deu base para a edificação de um homem que tem a dorensenidade em seus atos e ações de cidadão comprometido com o desenvolvimento de sua terra. Memórias que continuam a povoar meu ser como o aroma do pão fresquinho.

---

\*Luís Carlos de Jesus

Professor, Historiador e Presidente da ADL.

luis.c.jesus@outlook.com



# O paraíso é aqui

Por Juviano Borges Garcia\*

Fomos a Cuiabá, Madriselva e eu, passar alguns dias com nosso filho Adriano e, num domingo decidimos ir à Chapada dos Guimarães. Nossa primeira parada foi na reserva do Véu da Noiva. Ao descer do carro senti um forte e delicioso aroma que há mais de trinta anos eu não o sentia: o cheiro de capim gordura maduro, tão comum na minha adolescência. Imediata e instintivamente meus olhos se moveram na direção de onde provinha aquele cheiro celestial, que às minhas narinas é mais agradável do que qualquer perfume francês. Avistei, numa quebrada logo ali, uma touceira de capim gordura, da qual tirei alguns ramos, que segui cheirando por toda a viagem e até no dia seguinte, no apartamento de Adriano.

Um dilúvio de recordações de imediato me povoou a mente. Lembranças permaneciam latentes no meu subconsciente. De repente, me teletransportei para a fazenda Carvão onde, na minha infância e adolescência, vivi dias de imensa felicidade. Na minha mente, naquele instante, se confundiam a impressionante paisagem que os meus olhos captavam do Véu da Noiva, aquela imensa cachoeira, despencando sobre o vale coberto de frondosas árvores, com a quebrada da Grotta de João Tabocas, que o meu subconsciente fazia jorrar para fora de si, como se quisesse me dizer: “você voltou, está aqui comigo, no Carvão”.

É-me quase impossível descrever o turbilhão de sentimentos que de mim se apossou naquele momento, por isso nem tentarei fazê-lo neste relato. Direi apenas que discretas lágrimas, misto de felicidade e saudade afloraram dos meus olhos. Não tentei nem de longe, disfarçá-las de Madriselva e Adriano, pois, pela felicidade que manifestei ao cheirar o raminho de capim, nada poderia passar indiferente aos dois. As recordações do Carvão afloravam qual uma enxurrada do Riacho do Carvão. Parecia-me estar, de novo, sob a sobra do juazeiro que ladeava o curral, em algum longínquo agosto, olhando, estarrecido, a encosta do Alto da Urtiga, onde viçava o capim gordura florado.

Nenhum sinal de qualquer que fosse outra planta, somente ele, o rei da paisagem, com seus lindos pendões avermelhados que, ao sopro do vento, se movimentavam formando ondas que me faziam imaginar o mar que, até então, só via no cinema. Aquela visão me deixava hipnotizado por incontáveis minutos.

E, como uma lembrança puxava outra, logo me veio à mente o estado em que ficavam as pernas das calças que usávamos, após atravessar aquele mar de capim maduro: a sua gordura deixava as calças até quase a altura dos joelhos, completamente enceradas; as botas de borracha brilhavam como se tivessem sido polidas. Os rolós de vaqueta pareciam ter sido imersos num balde cheio de óleo.

Ato contínuo veio-me à mente a lembrança do pedacinho do Carvão que nós chamávamos de Alecrim. Era um capão de terra entre o Candéal e o Boqueirão, acima da grotta de João Tabocas. Assim como uma cidade é dividida em bairros e ruas, nossa fazenda dividíamos em trechos que denominávamos de acordo com algo que se fazia neles específicos. Assim, o Alecrim tinha esse nome, logicamente porque nele brotava quase unanimemente, o alecrim, erva hoje muito usada como condimento, como sabemos todos nós. Mas no Carvão era tida como erva daninha. Na época da floração, ao cruzarmos o Alecrim, saíamos com as pernas das calças cobertas das sementes de alecrim e o seu delicioso aroma nos acompanhava até chegarmos a casa.

Vou parar por aqui, apenas acrescentando que, assim como Adão viveu no paraíso e dele foi expulso por conta da sua desobediência a Deus, acredito que eu também lá vivi e para pagar por meus pecados, dele fui também expulso.

**\*Juviano Borges Garcia**

Economista e Presidente do Conselho Diretor da UFS.  
juviano\_garcia@uol.com.br

# Minha roça é uma riqueza

Por Valtênio Santos Santana\*

Tenho minhas mãos calejadas de puxar numa enxada, porém não me falta nada na minha velha morada. Enquanto Deus me der vida e saúde pra trabalhar, garanto que na minha mesa o pão não há de faltar. Gosto de viver na roça, em contato com a natureza, contemplando a riqueza que uma roça oferece. Logo cedo me levanto. Num ferro bato a enxada pra ficar mais amolada com a pancada da marreta. Depois tomo meu café com macaxeira, leite e carne assada, pego logo a enxada e sigo pelo caminho rumo à roça alegre e cantarolando. Eu sinto o cheiro da lavoura de milho, fava e feijão, ao pisar na terra fofa deixo meu rastro no chão, vejo o orvalho caindo das folhas da plantação. Na sombra da pindobeira encosto a cabaça d'água com ela mato a sede com sua água gelada. Quando o sol está a pino pra casa torno a voltar e se a fome me aperreia sei que logo vai passar, pois o almoço está na mesa me esperando chegar. Tiro um cochilo numa rede pra mode desfadar, num instante me levanto e pra roça torno a voltar pois o serviço me espera, não posso me atrasar. À tardinha estou de volta quando o sol já vai se pondo de novo pelo caminho vou feliz cantarolando, pois não gosto de tristeza e espanto ela cantando. Minha roça é pequena, mas a plantação é variada, nos moldes tradicionais, sem utilização de agrotóxico. Por tradição, preservo as sementes que são guardadas ano



Valtênio Santos Santana

após ano, perpetuando as espécies de milho catete, milho branco, macaxeira, amendoim, fava, cebola, alho, tomate e abóbora. O trabalho árduo realizado debaixo de sol ou de chuva no preparo da terra que consiste em limpar, coivarar, plantar, cultivar e colher. É desgastante e cansativo, mas tudo isso é compensado ao ver os grãos brotarem da terra e a roça toda ficar linda igual um jardim. Mas a maior recompensa é na época da colheita. Ter o privilégio de produzir meu próprio alimento. Ter a satisfação de preparar e comer uma pamonha feita com coco, um cuscuz de milho louro, um cozinhado de feijão verde acompanhado de um frito de peixe pescado no Jacoca, um tacho de amendoim cozinhando no fogão à lenha que a gente já começa a comer antes de tirar do fogo. Por tudo isso, a gente se sente gratificado e feliz por ter fartura em alimento para desfrutar o ano inteiro.

Valtênio Santos Santana



**\*Valtênio Santos Santana.**

Criador e Curador do Museu Caipira, Membro da ADL e do GEEL.  
valteniosantana@gmail.com



# Era a casa e era a lágrima

Por Jânio Vieira\*

A chuva sempre fora uma metáfora para o menino de nove anos. Era o momento em que ele via Deus chorar e suas lágrimas adoçar o solo. O verde que se pintava na areia marrom do povoado era por força desse choro, da água que o menino provou e descobriu ser doce, e que ele não entendia as diferenças das suas. A água era a mesma que molhava as paredes de barro de sua casa. Pequena casa, mas que era seu mundo. Um mundo feito de varas e barro retirado do quintal, onde havia resquícios de um imenso buraco, que agora não era tanto assim e que servia mesmo de monturo. Era ali que a família jogava o resto das palhas das fruteiras podadas. As palhas e qualquer outra coisa que enchesse o vazio que os homens fizeram na terra.

O menino de nove anos ficava imaginando como os homens tiraram sua casa daquele buraco. Pensou em homens fortes. Homens que presenteariam-lhe com uma casa. Depois da casa retirada ele mesmo viu, uma única vez, o buraco completo, quer dizer, vazio. Alguém o havia colocado ali dentro, mas o menino de nove anos não lembrava mais quem foi. Agora o buraco chega na altura da perna. E parece que dali não sairá mais casa.

\*\*\*

A casa de barro que a chuva molhava trazia um cheiro gostoso, mas os mais velhos diziam que o cheiro não era para ser sentindo de qualquer jeito, era remédio para doentes. E o menino de nove anos estava saudável.

No fundo da casa, depois do buraco, foi feito um banheiro – era banheiro pra banho. E havia arte ali. Uma pedra quadrada, feita com cimento, era o piso; as paredes eram de palha de coqueiro sustentadas por varas de candeia e jurema; a porta, avistava os fundos do quintal, sempre

aberta. No inverno o menino ouvia o canto da jia de peito que se instalara debaixo da pedra. O animal também fez de morada aquele pedaço de terra sagrada.

A graça de tudo era o banho no inverno. Os baldes que ficavam debaixo da bica apanhavam as lágrimas de Deus, e cheios de água sagrada serviam para o banho. Pegava-se um balde alegre e corria para a palhoça nos fundos da casa. A água ia caindo no corpo às pressas. O menino nem queria tomar banho naqueles dias de chuva e o vento, esfriando o que já estava frio, era o apressador do banho, pois daquele jeito o quanto mais rápido, melhor seria. Mas mesmo assim o menino de nove anos saía roxo de frio da palhoça. Às vezes a mãe dava bronca quando via as costas do filho enxuta. Ele nem ligava... mas foi poucas vezes, pois aprendeu a sair do banheiro vestido na roupa, que enxugava no corpo, aumentando o frio, mas assim a mãe não dava mais bronca.

Dentro da casa de barro o menino de nove anos logo buscava o que fazer com seus irmãos, menino era bicho fogo e logo todos se esquentavam.

\*\*\*

A porta ficava fechada, mas da fresta ele ficava vendo os pingos das lágrimas caírem no mundo. Deus chorava muito. O som do choro de Deus era bonito para o menino de nove anos. Era um choro que alegrava alguma coisa dentro dele. Uma coisa que ele ainda não sabia o que era. Mas que o embalava nas tardes de sonho e noites de imaginação.

**\*Jânio Vieira**

Graduando em Letras Português (UFS), Membro da ADL e do GEEL.  
janio.vieira16@gmail.com.

# Prisão perpétua

*Por José Aldo Souza Leite\**

— Fica certo assim: eu vou dizendo, do meu jeito, e você vai escrevendo, da forma correta, para que quem se habilite a ler possa entender com clareza. Inclusive, nem sei porquê escrever sobre mim. Afinal de contas, tem tanta gente por aí com uma história de vida muito mais interessante que a minha, ou melhor, a minha nem interessante é. Enfim, parece que esse povo que estuda, quanto mais sabe das coisas, mais lesado fica. Só não fique me interrompendo o tempo todo!

— Farei apenas uma ou outra observação, conforme seja necessário e, quando você encerrar o seu relato, faremos as considerações finais, pode ser?

— Como assim?!

— Você conta sua história e, no final, faremos um apanhado geral. Alguns comentários.

— Ah, sim! Entendi. Você quer dar a sua opinião, como sempre. Pode ser! Afinal de contas, você tem a sua e eu tenho a minha. Não vai mudar nada. Tudo certo!

— Sendo assim, pode começar.

— Então, escreva aí:

— Sou pobre, negro, feio, burro e não venha tentar me convencer do contrário!

— A minha pobreza iniciou-se no dia em que eu nasci e estende-se até os dias atuais, devendo se prolongar até o dia em que eu morrer, certamente.

— Nasci nu, e por pouco não cresci da mesma forma. Enquanto criança, comia papa de farinha de mandioca e “vestia” molambos. Na adolescência, a alimentação na casa de meus pais era à base de farinha com algum pedaço de carne seca ou, vez por outra, cuscuz com ovo, isso quando não passava fome. Por essa fase, vestia-me com o que sobrava dos irmãos mais velhos, de algum parente próximo ou distante, ou até mesmo de estranhos. Hoje não é muito diferente. A comida é escassa, mal dá para a mulher e os três filhos, além de mim. Possuo uma muda de roupa, que de tão gasta não se distingue a cor ou o tecido. A mobília de minha casa, quero dizer, minha não, do patrão, afinal de

contas eu moro de favor, se resume a 4 cadeiras de pau, duas delas quebradas, uma mesa troncha, duas esteiras, uma rede velha, um camiseiro sem portas e alguns cacarecos. Coisa de pobre mesmo, que nasceu pra sofrer e assim tem sido. E, na verdade, no fundo no fundo, é assim que tem que ser.

— Vejo que você é, ao menos, espirituoso.

— Espirituoso...?! Com a barriga roncando...?! Essa é boa!... Posso continuar?

— Pode sim. Claro!

— Como você bem pode ver, eu sou negro, infelizmente. Mas não gosto que me chamem assim. Eu tenho nome. Também não admito que digam que sou branco, embora gostaria de ser, porque isso é mamar da minha cara. Tampouco quero ser chamado de moreno ou mulato, pois dá a entender que a pessoa quis dizer negro, mas teve medo ou vergonha. Enfim, meu nome é Dodó de Sinhá e é assim que devem me chamar, pronto! Até porque, pelo pouco que eu sei, não se deve dizer negro (veja se não é muita coisa pra pouco tutano!), embora eu seja negro, mas não por escolha, pois acredito que ninguém faria isso em sã consciência, mas o termo tido como correto é...

— Afrodescendente.

— E isso quer dizer o quê?

— Que é descendente de africano. Algo do tipo, teve origem na África. Veio de lá.

— Veio ou trouxeram?

— Trouxeram, na verdade.

— Pois é, acham pouco sofrimento num lugar só e saem espalhando.

— Mas o negro contribuiu bastante com a nossa cultura, nossos costumes... Há um legado enorme da raça negra em nosso país.

— Ah sim, como escravo!

— É uma longa história...

- Mas, deixe-me lhe fazer uma pergunta.
- Sinta-se à vontade.
- Qual a sua cor?
- Eu sou pardo.
- Explique-se.
- O pardo é, digamos assim, uma mistura entre o índio, o branco e o negro, essencialmente.
- Isso me fez lembrar a hora do meio dia. Até nisso você teve sorte. Para você, a mistura que corresponde ao feijão com farinha e carne ou algum outro alimento. Para mim apenas a farinha, digamos, e mesmo assim, queimada.
- Mas você também veio de uma mistura de raças, embora sua cor de pele seja negra.
- Que nada, sou negro mesmo.
- Deixa ver se eu entendi: você se assume como negro para poder ser discriminado e não admitir a discriminação. É isso?!
- Não. Apenas sou negro. Pura falta de sorte. É como diz o ditado: *"urubu quando tá de azar, o de baixo caga o de cima"*.
- Você tem cada uma...
- Vamos continuar?
- Sou todo ouvidos!
- Na casa onde eu moro não entra espelho. Também pudera, eu sou triste de feio e a mulher, desarreda. Das crianças já não falo. Coitadas, iriam sair a quem?!
- A minha mulher me aceitou e aceita até hoje, porque percebe, veja só, que eu sou menos feio que ela. Não posso dizer, contudo, que "aceitei" minha mulher. O fato é que, nenhuma outra me aceitou. Na verdade a gente se atura e assim vamos levando a vida. Trabalhamos quando arranjamos trabalho, comemos quando temos o que comer, e por aí vai.
- Mas, meu amigo, não é a beleza do corpo que importa!
- Vamos trocar?!
- Você não tem jeito. Continuemos...
- Pois é, amigo, cada panela com seu testo.

Então, sou mais tapado que uma porta. Sou do tipo que dizem por aí: se cair de quatro não se levanta! Não sei fazer um ó com o copo, como diz a história. Inclusive, nem sei porque fui pra escola. Fui não, me levaram. Nunca aprendi a ler e a escrever. Não consigo juntar um *lé* com *cré*. Sou tão burro que pra "melar o dedo" a mocinha precisa segurar a minha mão, senão ela pede um e eu ofereço outro. Nunca aprendi o *bêabá*. Não sei nem minha data de nascimento; quando é necessário, mostro a carteira de identidade. Partiu pra parte de contar, calcular, essas coisas, piorou. Não sei pra que peste inventaram essa tal de Matemática. É tanto *grangujo* que dá dor de cabeça só de olhar. Não sei quem foi o infeliz que inventou essa desgraça, nem quero saber! O filho de Deus que sabe um negócio daquele, das duas uma: ou é muito inteligente (como costumam dizer) ou não tem mais o que fazer. Acredito mais na segunda hipótese. Aquilo não é coisa de gente!

Resumindo, minha caneta é o cabo da foice, da enxada, do enxadeco, da picareta, da pá, do gadanho, do cavador e de outras ferramentas desse tipo. E agradeço a Deus todos os dias por ainda ter tido essa sorte, porque o certo mesmo era puxar carroça.

— Não seja tão duro consigo mesmo!

— Duro nada. Tô dizendo a verdade.

— Então, é isso. Parece que eu atraio justamente aquilo de que não gosto. Há de ser assim até o dia em que Deus quiser. Só não suporto gente que fica de conversa mole, querendo tapar o sol com a peneira. É pobre dando uma de rico, sem ter onde cair morto; negro querendo ser patrão, espia! Feio se maquiando pra sair em capa de revista e burro "pensando" em ser doutor. As coisas são como elas são e pronto, acabou!

— Não se trata de conversa mole, meu amigo. Você tem uma família que, de um jeito ou de outro, deve gostar de você, e isso é uma grande riqueza. Você tem ciência de seu trabalho e o faz como nenhum outro, e cada saber é importante nesta vida. Ser honesto e trabalhador é de uma beleza incomensurável e a cor da pele não define caráter de ninguém. Como diria o grande poeta jamaicano: "Liberte-se da escravidão mental!" Sejam menos negativistas e encaremos a vida de forma mais suave. Talvez esse seja o caminho.

— Falar é fácil. Pimenta no c\* do outro é frescor. Queria ver você em meu lugar. Aí, sim...

**\*José Aldo Souza Leite**

Professor, Pedagogo, Matemático e Membro do GEEL.  
aldo0603@outlook.com

# Aquela estrada tão grande

*Por João Victor Rodrigues Santos\**

Dedos entrelaçados, pele na pele. As meninas seguiam, com a pressa que toda uma infância pela frente requer. Mãos dadas, cantavam, sorriam, brincavam. O sol, lá do alto, invejava seus sorrisos tão puros e suas almas límpidas e resistentes. Sozinhas naquela estrada tão grande, elas simplesmente iam. Um caminho longo que mais parecia querer levá-las ao fim da vida, lavá-las de suor num novo batismo. Um renascimento. Irmãs ou primas? Não me recordo. O que estes meus velhos olhos sabem é que, vistas de longe, elas andavam tão unidas que mais pareciam uma. Todas as pedras, pedregulhos e raríssimas flores pareciam parodiar suas vidas de meninas-crianças. Desde novas, unidas pelo sofrimento, pela dor cujo ser sente e não compreende. O apertar de mãos inconsciente era a esperança de uma fuga. Correr dos abusos de casa, da falta de ternura, numa busca por não se sabe o quê, mas na esperança de que o desconhecido não lhes seja pior. Cada pedregulho daquela piçarra fazia a menos nova lembrar-se das surras, dos toques, dos silêncios. Ao olhar para baixo, ela segurava o pranto angustiado. A mais nova, coitada, era por demais sensível. Qualquer leve estremecer de pele no laço de mãos ou qualquer chuva de lágrimas num sol como aquele a faria sentir. Basta de sentimentos. Num gesto de plena obediência, a outra engoliu o choro. Num gesto de plena desobediência, apertou a mão de sua metade com mais força numa tentativa de efetuar a fusão espiritual que ali já havia num amalgamento carnal. Apertou com tanta força que a pele de uma mais parecia devorar a pele da outra em busca de uma saciedade somente imaginada, desconhecida. Que importa se eram irmãs ou primas ou outra coisa qualquer? Isso de nada importa. A união que ali existia transcendia toda forma de linguagem. Expressões são vãs na tentativa de descrevê-la. Aqueles seres tão sofridos e fiéis caminhavam por um deserto de dor e desencantamento e irrigavam com lágrimas escondidas a rosa mística que cultivavam em seu apertar de mãos, de corpos, de almas. A que tinha sua mão apertada não pensava em nada. Bendita seja, Inconsciência. Por não estar integrada, de fato, ao mundo terreno, por guardar em seu íntimo resquícios de quando seu lar era mais próximo do Etéreo, a menor menina-sofrida sorria. Com seus dentes ainda por aparecer, sua boca tão seca, seus belos cabelos desgrehados, a criança sorriu o mais belo quadro que jamais vi. Os trapos de ambas de nada importavam. Elas também, as roupas, eram suas cúmplices. Eram elas que escondiam suas peles prematuras, seus corpos pequeninos. Escondiam de quem? Dele, do mundo que tão duro e ereto as maculou, as maculava.

Eis então que por aquela estrada tão grande e tão seca de memórias, aparece um homem de roupas brancas e alma perdida. Os olhos, ao verem as tão pequeninas meninas, avançaram como se corressem. E como uma faca violenta, que não pergunta e nem se importa, a lâmina do homem cortou novamente o laço que as unia. O chão da estrada recebia agora as pétalas de uma rosa murcha regada com lágrimas que ninguém viu. Rosa extinta, pois nunca o mundo abusará de qualquer flor como aquelas. A lâmina as cortou novamente e cravou-se na mais velha. Aquelas mãos grudentas a segurando serviram como um silenciador. Ela nada podia dizer, o pânico a vestiu por completa, a voz fez as malas e partiu, sem qualquer despedida. O bruto, então, alçou-a ao ombro como um caçador que se orgulha do tiro certo e exibe sua vítima. A pequena bolsa em que as meninas colocaram algumas coisas que julgaram necessárias, que agora já não o são, foi chutada para um canto qualquer. Frente aos olhos daquele gigante tão branco que conseguiu esconder o sol, a menina miúda parecia sumir. Foi então que ele deu as costas. O primeiro passo na direção contrária decretou: foi vã a viagem. Pela grande estrada que elas foram uma retornaria e secaria de vez, enquanto a outra erraria pelo mundo em busca de sua morte. As angustiosas lágrimas agora jorravam do sofrido rosto daquela que ia ao ombro do gigante. Olhando sua outra metade apartada de si, buscou dizer qualquer coisa com palavras, não conseguiu. Os olhos, estes sim, é que disseram. Sem nada dizer, os olhos chorosos falaram à menininha que ela deveria correr. Correr pelo não-mundo, buscar uma luz saudável, uma luz que seja luz e não aquele amarelo insuficiente do sol. Então ela correu. Sabia inconscientemente que não haveria volta. Correu e não olhou para lugar nenhum. Fechou os olhos e seguiu como quem parece saber instintivamente para onde vai. Correndo já próximo ao fim daquela estrada tão grande, olhou para trás e ainda conseguiu ver a entrega agora resignada de sua metade maior ao gigante de roupas brancas e alma perdida. Entrega como que parecia mais uma aposta. Uma vida por outra, a certeza de um sofrimento pela incerteza de outro. Perderam ambas a aposta. No cruzamento, ao fim daquela estrada tão grande e tão seca de memórias, um carro desavisado acertou a miúda em cheio e antecipou seu inevitável caminho.

---

João Victor Rodrigues Santos  
Graduando em Letras (UFS) e membro do (GEEL).  
jvrs180499@gmail.com

# Um sentimento chamado Sergipe

*Por Denio Santos Azevedo\**

Eu sou sentimento de pertencimento  
Um estado de espírito  
Tenho história e memória  
Sou alma, símbolo e conhecimento  
Prescrito e irrestrito

Sou filho de índias, vaqueiros e negras  
Nasci nas mãos de parteiras  
Brinquei nos rios e nas praias  
Fiz andanças corriqueiras  
Nos sertões, serras e atalaias

Sobrevivo da lida de pescadores e marisqueiras  
Das Catadoras e das cozinheiras  
Dos queijeiros e das doceiras  
Dos roçados das roceiras  
Dos milhos, tapiocas e macaxeiras

Sou pai, mãe e filho de santo  
Fiel, devoto e penitente  
Lavo a alma com as águas de Iemanjá  
Com a Verônica deságua o meu pranto  
De Padre Pedro sou confidente

Sou hospitaleiro de sorriso farto  
Solto pipa e dou voltas como pião  
Faço Cuscuzinho com areia  
Salto amarelinha de Aracaju à Lagarto  
Piloto rolimãs do litoral ao sertão

Bebo nas Fontes de Aglaé, Ilma, Hermes e Silvério  
Com Fausto a alma dos sergipanos e de Sergipe  
O Leite de Tobias Rabelo e Prado Sampaio  
Sou Sobrinho de Sebrão das Laudas do Império  
Afilhado Manuel Bomfim, Tobias Barreto e Araripe



Dentre tantas idas e vindas  
com Beatriz fui a Riachão  
Encontramos Ibarê e Francisco  
Com os Santos, carreguei a Cruz de Alda e suas  
berlindas  
Com Paim sonhei com a Revolução

Tenho a harmonia das orquestras  
Sinfônica, filarmônica e sanfônica  
De Atabaques dos terreiros  
Dos ogans, maestros e maestras  
Sou Multicultural e polifônica

Pinto a vida com as tintas dos encantos  
De Horácio Hora e Jordão de Oliveira  
J Inácio, José Fernandes e Leonardo Alencar  
Jenner Augusto, Florival e Álvaro Santos  
Hortência Barreto, a boneca e a brincadeira

Sou Americano no choro de Luiz  
Sou vaqueiro sertanejo na sombra da jaqueira de Josa  
Sou Edgar do Acordeon, forró raiz  
Sou sergipano como José Augusto  
Sou sergipana do coco da capsulana de Amorosa

A liberdade do falar com a Boca de Cena  
Escuto Naurêa o Sambaião  
Sou Cheiroso como o Mamulengo  
Ando com os Artistas na Luta na quarentena  
Aprendo com Raízes, Imbuaça, Reação e Irmão.

Finco no barro as pegadas de Pezão  
Vivo no mundo de Véio e seu imaginário  
Costuro linhas da vida de rendas  
com espinhos do sertão  
Aguardo o Juízo Final de Bispo do Rosário

Sou lutador, sonhador e persistente  
A minha história precisa ser conhecida  
A memória reconhecida e preservada  
Não me apequeno, pois sou resiliente  
A minha trajetória me deixa envaidecida

**\*Denio Santos Azevedo**

*Professor (DTUR/UFS) e Coordenador do Projeto de Extensão Sergipanidades.  
denio\_Azevedo@yahoo.com.br*

# Nossa Senhora das Dores

*Por Emilly Kauane Santos Pereira\**

Minha cidade encantada  
Por onde passo só vejo beleza!  
Está relacionada à sua geografia.  
Terra de muita natureza.

Nossa cidade teve um passado assustador  
Por nossas terras o lampião passou.  
Deixando suas marcas,  
E o povo se amedrontou.

Um dos nossos pontos turísticos,  
É a nossa Igreja Matriz.  
Igreja linda e encantadora!  
Que deixa o seu povo feliz.

Onde sua prece é recebida,  
E atendida com emoção!  
Por Nossa Senhora das Dores,  
Nossa mãe do coração.

Dores, cidade pequena,  
Linda e acolhedora.  
Habitada pelas dorenses,  
Fortes e trabalhadoras.

**\*Emilly Kauane Santos Pereira**  
*Aluna do 9º ano (CEPFA / Dores –SE).*  
emilly.kauane0102@gmail.com

# Soneto de uma Alma

*Por Charlan Fialho\**

Minha alma tem perfume com verniz  
E chora com amargura na aurora;  
Tenta evadir-se de mim, assim a Cora  
Até sonha em morar num céu feliz.

Ela clama por um amor sem fim  
Que a faça sentir-se livre na vida,  
Amada com gestos sem despedida  
E que respeite seu íntimo jardim.

Ah! Seus gritos não guardam oxigênio,  
Sua força de amar sopra no obscuro,  
E sua prisão transpassa o milênio.

Ela quer andar pelo meio do mundo  
Sem tempo de sentir raso compêndio,  
Amar no infinito um amor fecundo.



# Cultura popular de Nossa Senhora das Dores - SE

*Por Jaclene da Silva Oliveira Resende\**

Nossa Senhora das Dores  
Tem um patrimônio cultural  
As procissões populares  
Vem resistindo com força total  
E as pessoas que participam  
Dizem que é a melhor procissão regional

Nossa cidade é a única  
A ter quatro procissões  
Todas elas são antigas  
E feitas de coração  
Pelos dorenses que percorrem  
Os locais com devoção

Além das procissões  
Temos as vias-sacras  
Que durante a Quaresma  
Percorrem todas as casas  
Pregando a palavra de Cristo  
Para que as pessoas sejam abençoadas

A sexta-feira da paixão  
É um dia muito esperado  
Os dorenses se preparam  
E ficam emocionados  
De participarem de quatro procissões  
Em um dia tão respeitado

Cruzeiro do Século, Madeiro,  
Senhor Morto e Penitentes  
São manifestações de importância  
Reúnem centenas de pessoas  
Com Cristo na lembrança  
Percorrendo vários quilômetros  
Com fé e com esperança

Um dos símbolos é a cruz  
Que um dos fiéis vai carregar  
Expressando o sofrimento de Jesus  
Até o calvário chegar  
Durante a caminhada  
Todos com fé vão rezar

Através das procissões  
Os devotos podem meditar  
Sobre os seus pecados  
E pedir a Deus para perdoar  
Com muita fé e oração  
Eles vão manifestar

Durante as manifestações  
Os dorenses vão recordar  
O sofrimento de Cristo na cruz  
Que morreu pra nos salvar  
E com muita gratidão  
Vão pedir para Ele nos abençoar

Sem esquecer de quem já se foi  
Também eles vão rezar  
Para que aqueles não perambulem  
E encontrem um lugar pra descansar  
Deixando nosso povo  
Para a procissão continuar

Os dorenses são exemplos  
De devoção e penitência  
Pois, participam todos os anos  
Das procissões com competência  
De jovens a adultos  
Fazem crescer nossa crença

Não é só de procissões  
Que a nossa cultura é formada  
Dores tem outras tradições  
Que precisam ser respeitadas  
Passando entre gerações  
Mostrando que são valorizadas

Lá tem o Museu Caipira  
Do nosso amigo Valtênio  
Que mostra a evolução da vida  
Nos objetos das antigas  
Fazendo a gente voltar no tempo



Lindos artesanatos  
Aqui na minha terra tem  
Bonecas de pano, objetos de barro  
Panos rendados também  
Já foi terra de Enforcados  
Agora é terra de gente de bem

O Grupo Renovação  
Dançam as nossas raízes  
Reisado e Samba de coco  
Senhoras muito felizes  
Levam a nossa cultura  
Para todo lugar que existe

O Projeto Memórias Dorenses  
Veio para complementar  
Registrando a cultura crescente  
Que esse povo tem para dar  
Desde mesmo antigamente  
Já mostrava suas riquezas na  
cultura popular

A culinária nordestina está presente  
Em toda parte  
Pirão de galinha caipira  
Cuscuz, buchada e charque  
Macaxeira, farinha e traíra  
Sabores da nossa cidade

E nos festejos juninos  
Aqui não pode faltar  
A Garota Caipira  
Um concurso bem popular  
Que reúne a multidão  
Para ver a apresentação  
Da melhor que vai ganhar

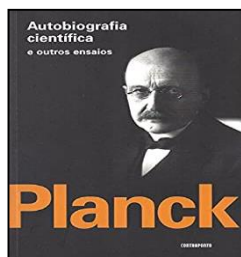
A quadrilha Fogo no facho  
Levanta a poeira do chão  
Xote, forró e xaxado  
Arrasta pé e baião  
Dançando as nossas origens  
Na noite de São João

Lugar de povo descente  
Bonito e religioso  
A natureza dorense  
Tem a Serra do Besouro  
Matas e várias nascentes  
Lugar que se encontram tesouros

Dores é terra de amor  
É o coração de Sergipe  
Seu povo é acolhedor  
Lugar igual não existe  
Carne do sol aqui tem sabor  
Artesão, poeta e compositor  
Aqui reside

Quem ainda não conheceu Dores  
Corre vá conhecer  
A natureza dá flores  
Praças bonitas e lazer  
Festas, comidas e doces temos  
Para te oferecer  
Nossa Senhora das Dores  
Vou te amar até morrer

**\*Jaclene da Silva Oliveira Resende**  
*Agente comunitária de saúde, Compositora e Artesã.*  
jacleneresende@gmail.com

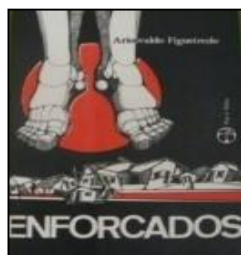


Indicação de Jailton Filho

PLANCK, Max. **Autobiografia científica e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

*“Poucas descobertas na história da ciência produziram resultados tão extraordinários, no breve período de uma geração, como aquelas que surgiram diretamente da proposta do quantum de ação, formulada por Max Planck. Em progressão sempre crescente, essa descoberta proporcionou os meios para interpretar e harmonizar os resultados obtidos no estudo dos átomos, que fez progressos maravilhosos nos últimos trinta anos. Mas a teoria dos quanta fez mais. Provocou uma revolução radical na interpretação científica dos fenômenos naturais e sacudiu os fundamentos das nossas ideias.”*

Niels Bohr  
Físico



Indicação de João Paulo

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Enforcados: o índio em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Estudos brasileiros; v. 52)

*“Enforcados: o índio em Sergipe”, cujo título se refere ao nome primitivo do município de Nossa Senhora das Dores, faz uma reflexão sociológica baseada na literatura e em fontes sobre o índio. O discurso que perpassa seus oito capítulos busca deixar evidente a bravura do índio diante da espoliação praticada pelos portugueses. (...) é uma defesa apaixonada da causa indígena, típica para a época de sua confecção. Tem o mérito de conjecturar como se davam as relações entre os indígenas e os colonizadores, apesar de algumas imprecisões cronológicas e factuais e do exagero nas expressões subjetivas e apologéticas.”*

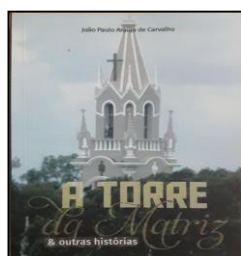
Pedro Abelardo de Santana  
Dissertação “Aldeamentos indígenas em Sergipe Colonial” (UFS, 2004, p. 11-12)



Indicação de M. Cardoso

ROMERO, Sílvio. **Contos Populares do Brasil**. São Paulo: Landy Editora, 2000.

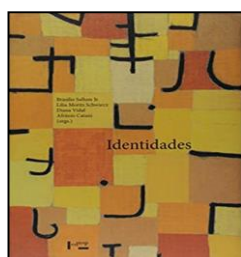
Através dos seu empenho em estudar, com credibilidade, o folclore, o autor nos apresenta uma coletânea de lendas e contos tradicionais do Brasil. Com base no princípio da mestiçagem (característica brasileira) entre os elementos europeu, indígena e negro, evidencia-se o discutível processo da seleção natural. A forma como este volume está organizado nos faz refletir sobre o futuro da cultura brasileira, e como podemos agir para valorizá-la.



Indicação de Emilly Kauane

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **A torre da Matriz & outras histórias**. Aracaju: Infographics, 2018.

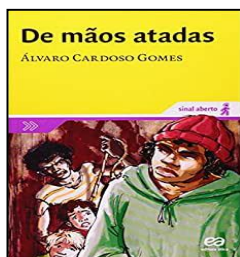
A obra deste contrterrâneo, João Paulo Araújo de Carvalho, nos dá o prazer de revivermos um pouco da história da Cidade de Nossa Senhora Das Dores, através das letras. Nos faz, também, viajar em um mundo de religiões, religiosidades e identidades dorenses. Por meio deste livro, os habitantes deste frutuoso município são convidados a conhecer o passado nas histórias resgatadas e registradas.



Indicação de Denio Azevedo

JR, Basílio Sallan (Org.). SCHWARCZ, Lilia Maritz (Org.). VIDAL, Diana (Org.). CATANI, Afranio (Org.). **Identidades**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

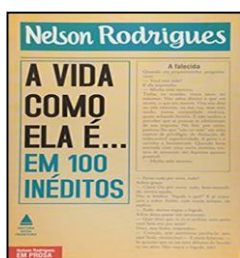
Este livro trata de identidades. Identidades são construções sociais, poderosos marcadores de diferenças, que operam sempre de maneira relacional e nunca absoluta. Ou seja, identidades são noções que produzem contrastes que se apresentam em oposição a outras categorias e referências. Em meio a uma em que as identidades são disputadas e constantemente redefinidas, um seminário internacional, realizado na Universidade de São Paulo, em setembro de 2012, reunindo intelectuais de diversas nacionalidades, resultou na elaboração dos artigos apresentados neste volume.



GOMES, Álvaro Cardoso. **De mãos atadas**. São Paulo: Ática, 2000.

Lico é um morador da favela de Heliópolis, em São Paulo. Como todo adolescente pobre, enfrenta os desafios diários com muito trabalho. Sua maior luta no entanto, é cuidar sozinho da mãe, após ser abandonado pelo pai e pelos irmãos. Esgotado, carrega o fardo de uma vida miserável. No auge de sua agonia, uma proposta tentadora lhe é oferecida: participar de um sequestro. Será que vale a pena viver como um fora da lei, a fim de enriquecer?

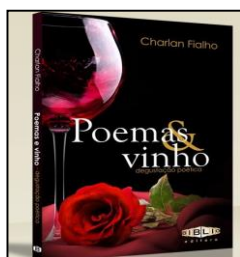
Indicação de Jaclene Rezende



RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é... Em 100 inéditos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Publicado pela primeira vez nos anos de 1950, “a vida como ela é” consagrou-se como uma coletânea de textos que retratam a vida cotidiana marcada por relações de amor e ódio e todos os seus pormenores. Nesta nova edição, foram reunidos 100 dos textos (inéditos em livro) mais marcantes da trajetória escrita de Nelson Rodrigues, como forma de homenagear o seu centenário.

Indicação de Valtênio Paes



FIALHO, Charlan. **Poemas & vinho**. Mato Grosso do Sul: Biblio Editora, 2018.

*“Uma obra apaixonante e com poesias impecáveis. Charlan Fialho nos presenteia com sua escrita romântica, versátil e ao mesmo tempo tão intensa. Seus poemas versam na temática do amor romântico e seus versos enaltecem a grandeza da mulher. Cada poema revela os sentidos mais profundos da alma humana, e esculpe o nosso coração, característica essa muito marcante nos poemas. Charlan Fialho escreve dentro de um estilo próprio, convexo da métrica habitual e usa uma linguagem literária romântica ainda que sombria, o que gera bons sentimentos e podemos provar de diversas sensações com a leitura. A obra é uma literatura incrível, carregada de nostalgia, subjetividade e emoções.”*

Indicação de Charlan Fialho

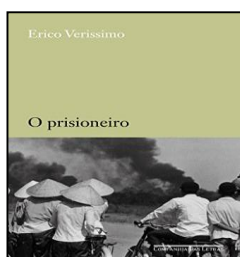
**Sonia Cancine**  
Psicopedagoga e poetisa



SANTANA, José Lima. **A morte fora de hora**. Belo Horizonte: Cuatiara, 1993.

O linguajar do qual José Lima Santana se serve para emoldurar A MORTE FORA DE HORA é o linguajar do povo nele representado: simples, cheios de ditos, pontilhado por figuras e vícios de linguagem tão próprios da gente interiorana, em cujo seio nasceu e vive o autor. Quanto às ocorrências registradas, são elas frutos de observações, de estórias recolhidas por aí como matéria-prima que se transforma em romance ficcional do escritor.

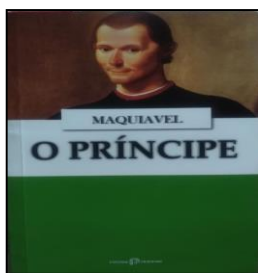
Indicação de Gilberto Luiz



VERÍSSIMO, Érico. **O Prisioneiro**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Diante de uma guerra travada em solo estrangeiro, uma cena traumática é presenciada pelo tenente pouco tempo antes de retornar à sua pátria. A imagem da explosão de uma bomba que culminara na morte da mulher-dama, a qual se apaixonara e com quem estivera minutos antes da tragédia, marca a história de vida do referido oficial. Tendo sido designado por seus superiores para obter a verdade sofre o fatídico episódio, o tenente tem a missão de interrogar um jovem terrorista responsável pelo atentado.

Indicação de José Aldo



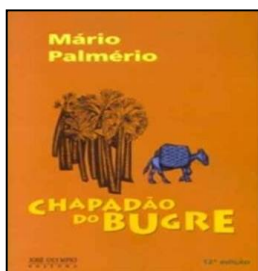
Indicação de Viviane Cardoso

MAQUIAVELLI, Nicoló Di Bernado Dei. **O Príncipe**. Porto Alegre: Pradense, 2017.

Na Europa Ocidental recém-saída da economia feudal e inaugurando o sistema capitalista, firma-se o Estado absolutista em mãos cada vez mais poderosas. Na Itália, as florescentes e ricas cidades atingiram uma independência quase completa, como pequenos estados rivais, o que impediria, até o século XIX, sua unificação como nação. Nesta Atmosfera inquieta, surge o pensamento de Nicolau Maquiavel, dominado pela ideia da unidade italiana. Na obra é discutida as formas de governos, as virtudes do príncipe e propõe uma ética própria ao fazer político.

*“O príncipe evidentemente despertou o interesse dos mais formidáveis homens de ação dos últimos quatro séculos, e em particular no nosso.”*

**Isaiah Berlin**  
Filósofo e Historiador



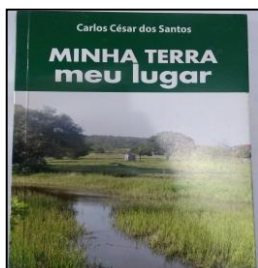
Indicação de Jânio Vieira

PALMÉRIO, Mário. **Chapadão do Bugre**. São Paulo: José Olympio, 2006.

Nos primeiros anos do século passado, uma terrível chacina ocorrera no interior de Minas Gerais. Sendo esta tragédia, a inspiração para a obra sugerida.

*“Uma força estranha e impiedosa, representada pelo capitão Eucaristo Rosa, se abate sobre o sertão, destruindo tanto os coronéis e suas práticas políticas clientelísticas como o jagunço José de Arimatéia, sem que ninguém (...) possa chegar a entender as normas do novo mundo que se estabelecia no sertão. Apenas Camurça, a mula de José de Arimatéia, percebe, à hora da morte, a realidade. E o faz do ponto de vista dos marginais e oprimidos do sertão. Mas é tarde e a destruição é inexorável”.*

**João H. Weber**  
Escritor

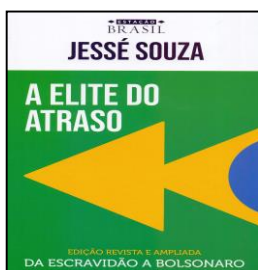


Indicação de Luís Carlos

SANTOS, Carlos César dos. **Minha terra meu lugar**. Aracaju: Infographics, 2015.

*“A arte de escrever por si só já exige um grande teor sentimental, mas a literatura de Carlos César é cheia do sentimento maior, o amor. Como todo bairrista revela o seu mundo como a terra ímpar para se viver. É um home ‘fazedor’ de poemas e cordéis, cantador e contador de piadas. Este poeta é a ‘obra’ completa de seu mundo, Borda da Mata. Mais um grande expoente dorense que viaja nas entranhas das letras, construindo palavras, alinhavando frases e cosendo colchas literárias”.*

**Prof. Luís Carlos de Jesus**  
Sócio fundador e presidente da ADL



Indicação de Jailton Filho

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

A *elite do atraso* se tornou um clássico contemporâneo da sociologia brasileira, um livro fundamental de Jessé Souza, o sociólogo que ousou colocar na berlinda as obras que eram consideradas essenciais para entender o Brasil. Por meio de linguagem fluente, irônica e ousada, o autor apresenta uma nova visão sobre as causas da desigualdade que marca nosso país e reescreve a história da nossa sociedade. Mas não a do patrimonialismo, nossa suposta herança de corrupção trazida pelos portugueses, tese utilizada tanto à esquerda quanto à direita para explicar o Brasil. Muito menos a do brasileiro cordial, ambíguo e sentimental.

Quem é a elite do atraso?

Como pensa e age essa parcela da população que controla grande parte da riqueza do Brasil?

Onde está a verdadeira e monumental corrupção, tanto ilegal quando “legalizada”, que esfolia tanto a classe média quanto as classes populares?



## Além do horizonte

Com as cores d'uma aquarela  
À sombra de uma mata  
Numa casinha singela  
O autor é quem relata  
Filho de Pedro e Maria  
Nas Dores ele nascia  
Com arte, que é ouro e prata.

Seu nome, Jânisson Andrade,  
É um poeta das cores  
Com tintas, o seu pincel  
Vai mostrando seus valores  
Foi além do horizonte,  
Com Maceió fez a ponte  
Sem esquecer de sua Dores.

*João Paulo Araújo de Carvalho*



*Grupo*

**Enforcadense**  
*de Estudos Literários*

N. Sra. das Dores (SE)

*Andrade*